

Pobreza e degradação ambiental andam juntas

Estudo revela que indicadores internacionais não cruzavam essas duas variáveis

Pesquisa da UFRGS, desenvolvida em parceria com a Universidade de Cambridge, comprova, através de equação inédita, a existência de relação direta entre variáveis de pobreza e meio ambiente. No caso das Américas, por exemplo, o estudo revela que a subnutrição resulta diretamente do risco de erosão, do consumo de energia

tradicional e da alta emissão de dióxido de carbono. Segundo o coordenador do trabalho, o professor da Faculdade de Ciências Econômicas Flávio Comim, o estudo foi encomendado pelo Programa das Nações Unidas para o Meio Ambiente (Pnuma), e teve como foco principal oito países africanos. **Página central**



FLÁVIO DUTRA



DIVULGAÇÃO/NUPARQ

arqueologia

Resgatando a história gaúcha

Ciência Durante 51 dias, entre os meses de janeiro e fevereiro deste ano, um grupo do Núcleo de Pesquisa Arqueológica da UFRGS (NuPArq), fez escavações no município de Pinhal da Serra, no Norte do estado. O trabalho, que desvendou o passado gaúcho, resultará na criação de um parque arqueológico. **Página 11**

vestibular

UFRGS divulga as mudanças para 2008

A Universidade anunciou modificações na ordem das provas e nos locais de aplicação no interior do estado. Medidas pretendem facilitar o acesso dos candidatos.

Página 7

Os 25 anos da guerra que marcou fim da ditadura militar argentina

Internacional Em abril de 1982, quando os militares argentinos deflagraram a invasão das ilhas Malvinas, a ditadura estava chegando ao fim. Na opinião de Cesar Augusto Barcellos Guazelli, professor do Programa de Pós-graduação em História da UFRGS, o episódio precisa ser entendido a partir da crise interna de base econômica e política vivida por aquele país. O historiador ressalta que, embora a

invasão tenha tido a adesão imediata de boa parte da população civil, assim que ficou claro o caráter aventureiro da investida militar, esse apoio se dissolveu completamente. Para o pesquisador, a derrota dos militares teve consequências na América Latina, pois representou o fracasso de um projeto para toda a região. De acordo com o professor do curso de Jornalismo da Fabico, Geraldo Canali, o conflito

foi uma guerra de mentiras, caracterizado pelo forte controle das informações. Canali, um dos primeiros repórteres estrangeiros a chegar a Buenos Aires, disse que, tanto os militares argentinos quanto o governo britânico, fizeram de tudo para cercear a atuação da imprensa. “Sem telefone celular, fax nem Internet, aquela foi uma guerra no fim do mundo”, concluiu o ex-repórter. **Página 10**

Relevo especial, de Hélio Oiticica

música

As palavras das canções é o tema da série Unimúsica

Projeto cultural da Pró-reitoria de Extensão da UFRGS recomeça em junho, explorando a afinada relação entre letra e música na MPB. **Página 12**

artes visuais

Artistas nacionais cada vez mais longe dos olhos dos brasileiros

Venda da principal coleção brasileira de arte construtiva para museu estrangeiro é sintoma da privatização da cultura. **Página 13**

Cartas

Fiquei super feliz pelo Destaque Andifes de Jornalismo. Sempre tive simpatia pelo JU, e vejo sua importância como o veículo que nos apresenta questões das mais variadas áreas, nos mostra posicionamentos diversos, nos aproxima de alguma forma de nossos colegas, além de nos informar sobre a UFRGS, tão grande e impossível de ser apreendida. Meu sentimento mudou, pois hoje "adoro o jornal" e sei que isto é resultado do trabalho de toda a equipe.

Denise Souza

Funcionária do Programa de Pós-graduação em Direito

Como leitora habitual do Jornal da Universidade só tenho elogios a fazer. São assuntos de interesse amplo, com informações confiáveis, escritas de forma objetiva e enxuta, sem "encheção de lingüiça" nem pedantismos científicos. Só teria uma observação: o Perfil poderia apresentar mais depoimentos de funcionários, comumente são professores os citados. Parabéns pelo bom trabalho.

Simone Maidana

Farmacêutica do Hospital de Clínicas Veterinárias

A matéria sobre os monumentos de Porto Alegre, publicada na edição de março do Jornal, causou repercussão e discussão no Plenário da Câmara de Vereadores e gerou mais interesse sobre o assunto. Meus parabéns a todos!

José Francisco Alves

Professor do Atelier Livre da Prefeitura e doutorando em Artes Visuais na UFRGS

Gostaria de cumprimentar a equipe do JU pelo prêmio recebido. Parabéns!

Heinrich Hasenack

Professor do Centro de Ecologia

e-mail: jornal@ufrgs.br

Memória da UFRGS

ACERVO MUSEU DA UFRGS



► 1923 Elyseu Paglioli (no centro da foto, exibindo material aos estudantes), durante aula de anatomia. O então acadêmico do sexto ano de Medicina, posteriormente, viria a ser reitor da UFRGS, de 1952 a 1964.

Espaço da Reitoria

Homenagem aos premiados

A solenidade de reconhecimento aos premiados do ano de 2006, ocorrida no Salão de Atos no último dia 11 de abril, constituiu-se em um momento de congratulação com forte espírito acadêmico. Reforçou em todos o entendimento de que a UFRGS, por sua grandeza, tem proporcionado a seus integrantes condições para que desenvolvam suas capacidades e, por isto, receberam reconhecimento formal da Universidade.

Neste evento foram destacadas 69 premiações, envolvendo 108 pessoas de nossa comunidade, que durante o ano tiveram atividades premiadas nas mais diversas instituições nacionais e estrangeiras e em diferentes áreas do conhecimento.

O evento, que já está em sua segunda edição, é uma ação prevista no Plano de Gestão que homenageia estudantes e professores, compartilhando com a comunidade essas importantes premia-

ções. Essas, por sua vez, constituem em um reconhecimento à Universidade Federal do Rio Grande do Sul, cuja projeção no cenário acadêmico – nacional e internacional – é resultado do trabalho que há mais de um século vem sendo realizado por nossa comunidade, projetando os destaques que na oportunidade homenageamos.

José Carlos Ferraz Hennemann
Reitor

Artigo

Trânsito: direito de quem?

Quem circula diariamente por Porto Alegre, pelos mais variados motivos, muitas vezes não percebe o quanto é afetado pelo trânsito. Um dos principais problemas é a saturação de veículos nas ruas, característica dos grandes centros urbanos. O elevado número de veículos interfere de várias maneiras no deslocamento das pessoas, restringindo principalmente o direito de ir e vir da maioria da população que, ironicamente, ocupa o menor espaço de circulação: os pedestres e usuários do transporte coletivo.

Esta saturação ocorre porque o automóvel, um dos principais símbolos do modernismo, ocupa o primeiro lugar no sonho de consumo da maioria dos brasileiros. A importação deste artefato técnico, no início do século XX, determinou e continua determinando um modelo de cidade que privilegia a acessibilidade de uma minoria motorizada, dando maior mobilidade e segurança aos usuários de transporte individual em detrimento dos que utilizam o transporte coletivo, estabelecendo, assim, uma ocupação desigual. A influência do automóvel é tamanha que, hoje, devido ao grande número de acidentes e aos problemas relacionados ao seu uso irracional, ocupa a centralidade das discussões quando se fala em trânsito.

Considerando que o espaço construído é um fenômeno social, o processo de mercantilização das cidades corresponde aos parâmetros de uma lógica de ocupação urbana que estende seus longos tapetes negros àqueles que estão moto-

rizados, estabelecendo um tipo de organização societária que prima pelo esvaziamento do conteúdo humano, recuando prédios, estreitando calçadas, reduzindo canteiros em nome de uma fluidez que nunca será alcançada. Por um lado, as montadoras robotizadas estão com seus pátios lotados dessas máquinas dos sonhos e, por outro, o poder público tenta, através de ações punitivas e, às vezes, educativas, controlar seu uso como forma de diminuir o alto índice de vítimas do trânsito.

Uma primeira perspectiva crítica para pensar a questão dos acidentes de trânsito pode estar relacionada à conformação dessa ocupação desigual do espaço público. Ao interagirem, as pessoas entrariam em determinados conflitos decorrentes do ambiente urbano construído, que determinariam um tipo de comportamento de risco, principalmente, por parte dos pedestres. Hoje, o ambiente urbano da forma como está organizado cede em torno de 60% do espaço viário para ser utilizado por 20% da população que possui automóvel. No outro extremo, 70% – pedestres e usuários do transporte coletivo – ocupam 25% das ruas e avenidas.



FLÁVIO DUTRA

2004 foi 66,2 bilhões, enquanto que para o transporte público foi 14 bilhões (Ministério das Cidades, 2004). Ou seja, um Estado com poucos recursos, com o desafio de minimizar a desigualdade social do nosso País, a pobreza e os altos índices de exclusão, opta por investir quatro vezes mais num meio de transporte que beneficia uma parcela mínima da população.

Essa dimensão da desigualdade e da exclusão social no uso do espaço público, da mesma forma que outras também relacionadas ao comportamento das pessoas, como a imprudência e o não respeito às leis, urge ser mais bem compreendida. Qual seu reflexo no

comportamento das pessoas? Os acidentes, vistos como intrínsecos ao funcionamento do trânsito, não seriam consequência, em parte, desta ocupação desigual? O trânsito deve ser compreendido como um fenômeno social, que só acontece porque as pessoas interagem ao ocuparem o espaço público. Portanto, o comportamento no trânsito tem uma dimensão individual, sim, mas também tem uma dimensão social, que merece um olhar mais crítico para ser claramente compreendida.

Clara Natalia Steigleder
Estudante de Ciências Sociais da UFRGS

pós-graduação

Curso de especialização em Relações do Trabalho

► Estão abertas até 29 de junho as inscrições para o curso de especialização em Relações de Trabalho, cujo objetivo é oferecer uma formação de caráter multidisciplinar sobre temas contemporâneos das relações de trabalho. O curso é organizado pelo Programa de Pós-graduação em Economia (PPGE) e tem a coordenação do professor Carlos Henrique Horn. Podem participar, profissionais dos setores público e privado. Informações no PPGE (Av. João Pessoa, 52, sala 33-B), telefone 3308-4050 ou pelo site www.ppge.ufrgs.br/reitrabalho.

eleição

Professores da UFRGS na Academia Brasileira de Ciências

► A Academia Brasileira de Ciências tem cinco novos integrantes ligados à Universidade: os professores Artur Oscar Lopes, da área de Ciências Matemáticas; Miriani Pastoriza, de Ciências Físicas; Roberto Fernando de Souza, de Ciências Químicas; Lauro Valentim Stoll Nardi, de Ciências da Terra; e Ruben George Oliven, de Ciências Humanas. Ao longo de seus 91 anos de existência, a Academia liderou e influenciou na criação de diversas instituições, viabilizando publicações científicas e estabelecendo convênios internacionais.

nutrição

Alimentação escolar é destaque

► A partir do dia dez de maio o curso de graduação em Nutrição da Faculdade de Medicina da UFRGS passou a integrar oficialmente o programa *Centros Colaboradores em Alimentação Escolar (CCAE)*, lançado pelo MEC, em novembro do ano



FLAVIO DUTRA

passado. Serão cinco centros distribuídos no território nacional, tendo como objetivo garantir a adoção de práticas alimentares mais saudáveis no ambiente escolar. Cada unidade

receberá R\$ 1,27 milhão para, entre outros investimentos, realizar cursos de capacitação de nutricionistas, merendeiras e de integrantes dos Conselhos de Alimentação Escolar. Caberá ainda ao centro gaúcho a realização de uma pesquisa para traçar tanto o perfil dos alunos das escolas de educação infantil quanto o das crianças indígenas do Estado.

extensão

O poder mágico da música



Daniel Wolff durante uma sessão do Sarau no Hospital

FLAVIO DUTRA

Projeto da UFRGS complementa recreação do Hospital de Clínicas

► Os pequenos pacientes da Oncologia Pediátrica do HCPA ficam em absoluto silêncio e os olhos não saem das mãos e do violão do professor Daniel Wolff do Instituto de Artes da Universidade. As músicas que as crianças escutam fazem parte do projeto Sarau no HCPA e estão inseridas nas atividades lúdico-terapêuticas do Hospital.

Segundo Daniel Wolff, este trabalho tem dois objetivos básicos: melhorar a qualidade da estadia dos pacientes e incrementar o senso de responsabilidade social nos alunos do Curso de Música. Desde sua criação, em 2006, o projeto vem servindo de referência para outros hospitais fora do Rio Grande do Sul. “É o reconhecimento de uma atividade que suaviza o ambiente”, afirma Regina Alves Sikiero, chefe do Serviço de Recreação Terapêutica.

Mas, não apenas as crianças da Oncologia têm esta oportunidade, pois a música também chega até a recreação infantil e aos pacientes adultos. Toda a semana, por cerca de 20 minutos, Daniel, que coordena o projeto, vive um clima de muita paz e conhecimento, já que ele explica as origens da música que vai tocar e fala um pouco sobre o autor de cada uma delas.

Mais de mil pacientes já assistiram ao Sarau no HCPA.

saúde

Grupo de trabalho discute plano de assistência

► O grupo de trabalho que proporá alternativas com relação à assistência à saúde dos servidores ativos e inativos da UFRGS, seus dependentes e pensionistas, está realizando uma tomada de informações junto a várias operadoras de planos de saúde. O objetivo é fazer um cruzamento de dados para apontar a melhor alternativa à Administração Central. A tendência do grupo é optar por um contrato com operadora de plano de saúde mediante licitação, conforme estabelece a Portaria 1.983 de 5 de dezembro de 2006, do Ministério do Planejamento, Orçamento e Gestão. Este grupo é coordenado pela Pró-reitora de Recursos Humanos, Jurema Jeruza Loureiro Cunha, sendo formado por Mara da Silveira Benfato, do Instituto de Biociências; Mauro Silveira de Castro, da ADUFRGS; Moacir Assein Arus, da Faculdade de Medicina; Sérgio Rangel Guimarães, da Faculdade de Ciências Econômicas; Regina Nuria Costa Luhring, da Procuradoria Geral da Universidade e Roseli Pérez Baldasso, representante da ASSUFRGS. O trabalho deve estar concluído em meados de junho.

gráfica

Criação e editoração

► A Gráfica da UFRGS acaba de criar um novo serviço destinado à comunidade universitária. A partir de agora, as unidades podem contar com o Núcleo de Criação e Editoração, um setor especializado que atua desenvolvendo trabalhos para as mais diversas mídias e projetos gráficos.

universidade

Coordenadoria de Gestão Ambiental

► Foi realizada em abril a cerimônia de criação da Coordenadoria de Gestão Ambiental, uma das metas do Plano de Gestão do reitor José Carlos Hennemann. Segundo o coordenador, professor Darci Campani, “a UFRGS se compromete com a melhoria contínua de seu desempenho ambiental e a prevenção da poluição, adotando procedimentos e práticas que visam prevenir impactos ambientais negativos. Todo o trabalho deve estar em conformidade com os requisitos legais, gerando alternativas que propiciem a sustentabilidade da comunidade universitária e de toda a sociedade”. Para que isto ocorra, afirma Campani, “é preciso o desenvolvimento de uma estratégia de mudança cultural, através de uma política pedagógica ambiental”.

Faixa foi colocada no alto do prédio do Instituto



CADINHO ANDRADE

violência

Balas perdidas: é difícil identificar o culpado

► Muitas têm sido as vítimas de balas perdidas, principalmente no Rio de Janeiro e em São Paulo. As notícias não param de chegar, mostrando pessoas inocentes que morrem ou ficam com graves seqüelas. Segundo o professor de direito penal e processo penal da UFRGS, Marco Aurélio Moreira de Oliveira, quando a “guerra” é entre quadrilhas é quase impossível achar o culpado, mas num confronto entre polícia e bandidos é viável apontar o responsável. Neste último caso, apesar de ser possível, é bastante difícil responsabilizar alguém, dependendo principalmente da perícia de balística.

Vítimas de balas perdidas oriundas de enfrentamento entre o poder policial e traficantes, por exemplo, precisariam provar que o projétil saiu de uma arma da polícia e, assim sendo, acionar o Estado ou a União para obter ressarcimento econômico. Também é preciso levar em conta se a ação policial foi necessária ou não.

A família da vítima deve constituir um advogado particular ou procurar a Defensoria Pública, que está igualmente habilitada a agir em ações deste tipo. Porém, o professor Marco Aurélio lembra que não basta colocar a polícia na rua contra os bandidos, pois é preciso identificar as verdadeiras causas do crime: desemprego, gerando desesperança; famílias desestruturadas; crianças de rua sem assistência; presídios que servem de escola para o crime, notadamente nos grandes presídios dominados por perigosas quadrilhas; a volúpia do consumismo, gerando inveja dos frustrados; e o crescimento desmesurado das cidades maiores, com estratos sociais conflituosos.

comemoração

100 anos de Artes na UFRGS

► O Instituto de Artes da UFRGS comemorou seus 99 anos de existência em abril, com o lançamento do projeto “100 Anos do IA/UFRGS” e o anúncio da parceria inédita com a escola de samba Bambas da Orgia. A atual campeã do carnaval gaúcho escolheu o centenário do Instituto como tema do desfile, que fará em 2008. O projeto dos 100 Anos também inclui a edição de várias publicações sobre a história e a produção acadêmica, além da realização de concertos e recitais de música, montagens teatrais e exposições de artes visuais. Os alunos deram a sua contribuição ao instalarem uma faixa de 9 metros de altura na fachada do prédio. Além disso, foi colocado no saguão do IA um “relógio-totem”, criado por estudantes de Artes Visuais, que fará a contagem regressiva para o centenário, a ser comemorado no dia 22 de abril do próximo ano.

Participe!



PORTAS ABERTAS
19 de maio

8h às 17h30min
Programação: www.ufrgs.br



POR QUE TER UM CÃO AGRESSIVO?

Volta e meia, os meios de comunicação noticiam casos de ataques de cães que, freqüentemente, terminam com a morte das vítimas e o sacrifício dos animais. As histórias se assemelham: crianças ou pessoas que não são da família entram inadvertidamente em um pátio, onde um cão de raça agressiva está preso, ou então, o cão escapa de seu confinamento, atacando quem encontra pela frente. O desfecho é previsível, assim como a solução – exterminar o cão agressor. No entanto, especialistas dizem que os verdadeiros responsáveis pelo problema não estão sendo punidos. Marcelo Meller Alievi e João Antonio Pigatto, ambos professores da Faculdade de Veterinária da UFRGS, analisam os fatores que levam pessoas comuns a colocarem a si e a seus familiares sob o risco de acidentes com cães. A falta de um treinamento adequado é apontada como a principal causa dos ataques.



Os cães da moda

Marcelo Meller Alievi*

O convívio entre animais e seres humanos não é de hoje. Há milhares de anos, temos com os animais uma relação muito estreita. Esta situação é ainda mais intensa quando nos referimos aos cães. Não é à toa que os chamamos de “melhores amigos do homem”. Essa relação iniciou com um papel utilitário, pois eles ocasionalmente serviam como alimento ou para extração da pele, e, principalmente, por sua habilidade em caçar, proteger e pastorear. Atualmente, o mundo acadêmico tem comprovado os efeitos positivos da relação de amizade entre os cães e o homem. Importantes mudanças psicológicas e fisiológicas são atribuídas ao contato das pessoas com os animais de estimação. Diminuição do estresse, desenvolvimento emocional, senso de responsabilidade, socialização e aumento da auto-estima são alguns bons exemplos.

Porém, infelizmente, nos últimos anos, ao lermos jornais ou assistirmos aos telejornais, nos deparamos com notícias de ataques letais de cães a crianças, idosos ou mesmo jovens. Tal situação deu início a uma grande discussão sobre o assunto. E antes de condenarmos uma ou mais raças à extinção, devemos refletir sobre as possíveis causas desses graves fa-

tos, tentando impedir que voltem a ocorrer.

Assim como ter uma calça “boca de sino”, um terno xadrez ou um tênis com rodinhas já foi moda, quem já não quis ter um cão da raça dálmata logo depois de ver o filme “Os 101 Dálmatas”, ou um são-bernardo após assistir “Beethoven, o magnífico”, ou um dachshund (salsichinha), após ver aquele conhecido comercial de amortecedores. Freqüentemente somos levados por um impulso a obter um cão de uma determinada raça. Porém, como qualquer ser vivo, precisa de cuidados, e, muitas vezes, esquecemos que um lindo são-bernardo, quando adulto, não pesará menos de 70kg e, obviamente, não caberá em uma quitinete. No Brasil, houve uma explosão da criação de cães de raças tidas como agressivas, fato muito relacionado com a formação de uma “tribo” denominada *Bad Boys*.

Cada raça tem o seu padrão de comportamento, sua aptidão e suas necessidades, e aquelas consideradas agressivas foram sabi-

No Brasil, houve uma explosão da criação de cães de raças tidas como agressivas

damente desenvolvidas como animais de guarda, ou seja, quando se deparam com situações que podem colocar seu território ou as pessoas que estão protegendo em risco, expõem os seus instintos de defesa. Obviamente, apesar de ser um instinto, o grau e a forma de reação de um cão frente a estas situações podem e devem ser moldados. O senso de hierarquia deve ser estabelecido precocemente, e a forma adequada para que isto ocorra é a socialização precoce do animal com todos os membros da família.

Além disso, adestramento básico deve ser realizado, assim o cão obedecerá a comandos fundamentais. Ração de boa qualidade, vermífugo e vacinas não são luxos, mas sim necessidades mínimas para a correta criação de um cão. Espaço apropriado e exercícios regulares são fundamentais, pois consumirão a energia armazenada e socializarão os cães, prevenindo distúrbios comportamentais. Passeios são importantes, mas devem ser

tomadas todas as precauções visando a zelar pela integridade física das pessoas que poderão ter contato com esses animais. O uso de fochineiras, guias de condução e passeios em horários alternativos são imprescindíveis. A castração deve sempre ser realizada, pois, além de diminuir a agressividade e impedir gestações e filhotes indesejados, que poderiam acabar abandonados ou mesmo em mãos erradas, traz benefícios orgânicos, como a diminuição dos tumores de mama e próstata, aumentando a expectativa e a qualidade de vida dos cães.

Diferentemente de uma calça “boca de sino”, um terno xadrez ou um tênis com rodinhas, o cão não poderá ser deixado no fundo de um roupeiro ou de um armário até que volte à moda. Ele viverá provavelmente mais de uma década e necessitará de muito cuidado e carinho. Assim, é importante que os donos tenham a real compreensão de todas as responsabilidades envolvidas com a aquisição de um animal de estimação, evitando arrependimentos, maus tratos, abandono e acidentes.

* Professor da Faculdade de Veterinária da UFRGS

Comportamento canino reflete o modo de criação

João Antonio Pigatto*

Quando uma pessoa vai adquirir um cão, na maioria das vezes, pensa apenas nos aspectos positivos. Jamais vai imaginar que ele possa se tornar agressivo. E também esquece que irá conviver com ele durante um período em torno de 10 a 15 anos. Com relação à agressividade dos cães, é preciso dizer que ela não está relacionada à raça. Não existem raças de cães agressivos. O que existe são raças que, se estimuladas e treinadas de maneira irresponsável para a agressividade, a desenvolvem com mais facilidade do que outras. A agressividade do cão também independe do tamanho dele. Os ataques que têm ocorrido são de inteira responsabilidade dos criadores e donos dos animais. Na grande maioria dos casos, são sempre animais criados de maneira errada por proprietários inconscientes e sem o mínimo senso de responsabilidade. Alguns humanos insanos e com desvios comportamentais até mesmo estimulam os cães para desenvolverem a agressividade. Certas raças têm sido associadas e responsabilizadas in-

justamente por alguns ataques. Inicialmente eram as raças dobermann e rottweiler, agora são os pit-bull, entre outros. Os cães da raça pit-bull foram originalmente criados para participarem de rinhas. Isto, sem dúvida, contribuiu de maneira significativa para que eles fossem considerados agressivos. O instinto permanece até hoje, mas as agressões são geralmente resultado do aumento da aquisição de cães por pessoas que não sabem como tratá-los e nem têm conhecimento sobre o seu temperamento.

Em comparação aos países de primeiro mundo, a criação de cães é mais recente no Brasil. Nem todos os proprietários têm orientação e consciência para praticar a posse responsável. O que pode ser feito para minimizar ou até mesmo resolver o problema

Exterminar uma raça devido à falta de compromisso de algumas pessoas não será a solução

de agressões é procurar orientação antes da compra dos cães, não somente com relação à escolha da raça, mas também no que diz respeito à educação canina, que poderá evitar que se tenha cães com problemas comportamentais. Embora a genética influencie nas reações do animal, o criador e o dono são decisivos para a agressividade. Os cães precisam ser educados desde suas primeiras semanas de vida, quando aprendem regras de convivência. O comportamento dos cães reflete a maneira com que eles foram criados e tratados pelos seus donos. Associada a boa criação, acreditamos que a aplicação de leis que punam os proprietários irresponsáveis também auxilie na resolução do problema. Uma das formas da educação da sociedade é, sem dúvida, através de leis,

que, se bem elaboradas e cumpridas, podem auxiliar na solução dos problemas de agressividade. O que não podemos e não devemos fazer, em hipótese alguma, é vincular os ataques ocorridos a determinadas raças de cães. E muito menos pensar em eliminá-las como muitos que, infelizmente, por desconhecerem o tema, têm a pretensão de sugerir.

Não podemos pensar em exterminar uma raça de cães simplesmente devido à irresponsabilidade e à falta de educação de algumas pessoas. A restrição à criação de determinadas raças de cães consideradas violentas, que acontece em alguns países da Europa e nos Estados Unidos não será a solução do problema. O problema não é o pit-bull, o rottweiler, o bull-mastim, o dobermann ou o fila brasileiro. Estas raças têm temperamento amigável e, desde que criadas por pessoas responsáveis, trazem com certeza muitas alegrias aos seus donos.

* Professor da Faculdade de Veterinária da UFRGS

Área da saúde investe em planejamento familiar

Comportamento
Iniciativas do HCPA e da Escola de Enfermagem incentivam maternidade consciente

Ânia Chala

Para o professor da Faculdade de Medicina da UFRGS Fernando Freitas, a quantidade de pessoas que hoje se preocupam em planejar o número de filhos é bem maior do que no passado. Médico do Hospital de Clínicas de Porto Alegre (HCPA) com 40 anos de experiência ele ensina futuros profissionais e faz o atendimento de pacientes.

Como chefe do Serviço de Ginecologia e Obstetrícia do HCPA, o professor avalia que o surgimento de novos anticoncepcionais e de outros métodos de prevenção da gravidez indesejada permitiu a liberação sexual da mulher. “Mas essa liberdade tem de ser exercida com responsabilidade. Considero que é dever de toda a sociedade oferecer informações sobre métodos contraceptivos às mulheres e penso que seria importante que o Brasil iniciasse um processo de conscientização sobre o uso desses métodos, envolvendo pessoas de todas as classes sociais e de diferentes áreas de atuação profissional.”

Freitas diz que somente a partir dessa iniciativa seria possível alcançar o

objetivo de fazer com que as pessoas realmente tivessem os filhos que planejaram. Para ele, seria preciso cerca de um ano e meio desse trabalho de conscientização. Somente depois disso, deveria ser feito um plebiscito sobre as mudanças na lei do aborto, nos moldes do que está sendo proposto pelo Ministério da Saúde. “Existe a proposta de ampliar a lei para que mulheres com uma gravidez indesejada possam fazer o abortamento pelo Sistema Único de Saúde (SUS). Contudo, o mais importante é a descriminalização do aborto, porque retiraria a condenação prévia que pesa sobre aquelas que optam por este procedimento”, ressalta o especialista.

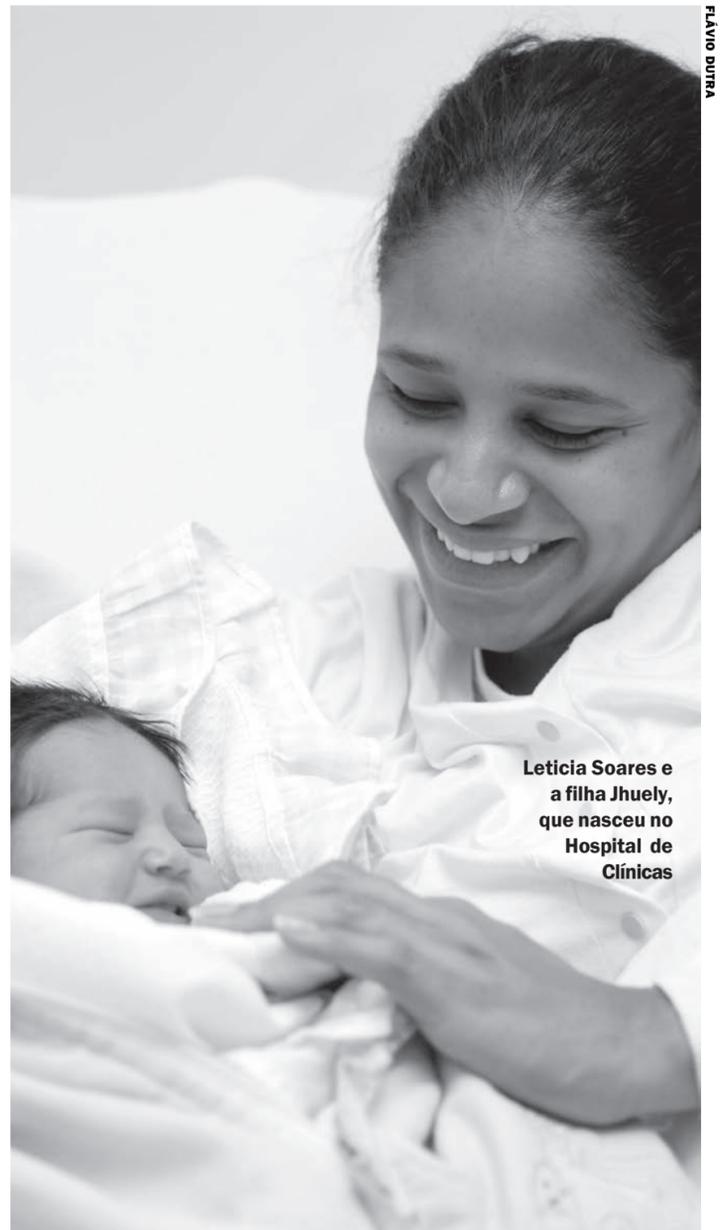
Porém, a descriminalização do aborto poderia ser um facilitador, mas não uma solução em si. “Na atualidade, o que acontece: as mulheres que têm condições econômicas procuram profissionais; as que não têm, recorrem a pessoas não habilitadas que, além de poderem provocar infecções, colocam em risco a própria vida das pacientes. Sou contra essa mudança em relação ao aborto neste momento, mas a favor da descriminalização.” Segundo Freitas, em países que adotaram políticas de planejamento familiar, diminuiu significativamente o número de abortos. “Mas, se não houver um preparo como esse, corremos o risco do abortamento permitido por lei transformar-se numa maneira de fazer a anticoncepção.” O professor também considera que, se a descriminalização do aborto vier a ser aprovada, será importante que as mulheres possam fazer o procedimento, tanto pelo SUS quanto pela rede privada e conveniada.

Não só para pobres – Dados da Síntese de Indicadores Sociais divulgados pelo IBGE, em 2004, revelaram que mulheres em idade fértil – 15 a 49 anos – com baixo nível de instrução escolar, o que significa até três anos de estudo, tinham em média 3,9 filhos. Já nas mulheres com oito anos ou mais de estudo a taxa de fecundidade caía para 1,5 filho. Entre mulheres que recebiam mais de cinco salários-mínimos, por exemplo, e tinham até três anos de estudo, a média era de 4,3 filhos. Já entre mulheres com a mesma faixa de renda, mas com oito anos ou mais de estudo essa média baixava para 1,4 filho.

Fernando Freitas ressalta que o planejamento não tem o sentido de proibir que as pessoas tenham filhos. Pelo contrário, a idéia é permitir que todos possam ter o número de filhos que desejarem. “A gente vê na sociedade uma disparidade: os ricos têm poucos filhos, um ou dois; enquanto os pobres têm quatro, cinco ou seis. Se foi o que planejaram, tudo bem, mas se simplesmente eles foram nascendo, e não há como alimentar essas crianças e dar-lhes escola, tudo fica mais difícil.”

Outro aspecto importante, de acordo com o médico, está relacionado às crenças religiosas. “A religião católica, por exemplo, é contrária ao uso de métodos anticoncepcionais. Com isso, deixou de evoluir no tempo e no espaço. Acho que os católicos estão muito conscientes da necessidade de fazer anticoncepção e, se for um pecado usar métodos contraceptivos, Deus é muito misericordioso e os padres em seus confessionários certamente irão perdoar.”

A Escola de Enfermagem da UFRGS tem no Hospital de Clínicas um espaço para a prática profissional e o desenvolvimento de uma forma de atuação, que promove a saúde da mulher através da educação em saúde. A proposta é promover a autonomia das mulheres, fazendo com que os profissionais que as atendem saibam respeitar suas decisões



Leticia Soares e a filha Jhuelly, que nasceu no Hospital de Clínicas

FLÁVIO DURRÁ

Mulheres precisam reassumir controle sobre seu corpo

As enfermeiras Virgínia Moretto e Ana Lúcia Bonilha são professoras do Departamento de Enfermagem Materno-Infantil da UFRGS e ministram a disciplina de Cuidado da Mulher e do Recém-Nascido, oferecida a partir do sexto semestre. Virgínia é doutoranda do Programa de Pós-graduação da Escola de Enfermagem e está trabalhando na área do acompanhamento pré-natal das mulheres porto-alegrenses, sob a orientação de Ana.

Virgínia explica que a Escola tem procurado formar profissionais em consonância com o Programa de Humanização, desenvolvido pelo Ministério da Saúde. Dentro deste programa, foram estabelecidas parcerias com a Prefeitura e as maternidades de Porto Alegre, os profissionais e os alunos de enfermagem. A enfermeira ressalta ainda que, desde 2005, existe a lei do acompanhante para as mulheres na hora do parto. “É uma lei federal, mas quantas maternidades da capital realmente respeitam esta legislação?”

Ana Lúcia diz que, no âmbito do Hospital de Clínicas, desde a criação da lei, a figura do acompanhante foi incorporada à rotina institucional. Virgínia acrescenta que, hoje, a taxa de pacientes que se utilizam dessa facilidade no HCPA está próxima dos 100%. “Esse acompanhante é

indicado pelas pacientes e pode ser o marido, o companheiro, algum familiar ou mesmo um amigo. No início, essa medida foi questionada, porque o acompanhante é visto como uma pessoa que vai fiscalizar o trabalho dos profissionais de saúde. No entanto, considero que ele veio para dar suporte a essas mulheres”, afirma a especialista.

Ana e Virgínia acreditam que a humanização do parto, a mudança na forma de nascer pode, inclusive, mudar a realidade de violência que assola o Brasil. “Apostamos na idéia de que a mulher não deve mais ser um agente passivo, especialmente na hora do parto, pois, muitas vezes, as gestantes são levadas a realizarem intervenções cirúrgicas sem conhecimento dos riscos.”

Em nosso país, as estatísticas apontam que na rede privada, cerca 90% dos partos são através de cesarianas. Na rede do SUS esta taxa alcança os 45%.

Para as especialistas, muitas gestantes podem ser induzidas a optar pela cesariana, acreditando que não sentirão dor. “Mas isso é uma promessa, porque dor as mulheres sentem antes, durante e depois do parto, com ou sem analgesia. O importante é que elas voltem a reconhecer sua capacidade de dar à luz de forma mais natural.”

Ambulatório oferece contracepção para casos especiais

O chefe do Serviço de Ginecologia e Obstetrícia do HCPA, Fernando Freitas informa que está sendo implantado, neste mês, o *Ambulatório de Planejamento Familiar para Casos Especiais*. O setor contará com uma equipe multidisciplinar constituída de médicos, enfermeiros e psicólogos, oferecendo atendimento global às pacientes. “Trata-se de um ambulatório de anticoncepção em casos especiais que terá como prioridade o atendimento a mulheres com doenças crônicas

(hipertensas, diabéticas, obesas, portadoras de doenças hepáticas, adolescentes com problemas mentais, mulher com cardiopatias, doenças auto-imunes, câncer e depressão).”

O setor vai funcionar em parceria com a Prefeitura de Porto Alegre e as consultas serão oferecidas via central do SUS. A previsão inicial de atendimento é de 40 consultas semanais. Freitas explica que a idéia é tratar essas mulheres de seus problemas de saúde já lhes dando uma orientação quanto ao

planejamento familiar. “Teremos uma série de métodos contraceptivos modernos e seguros, que serão fornecidos tanto pelo governo quanto por entidades internacionais. Nossa idéia é estender esse tipo de serviço a todas as universidades brasileiras, sendo que os cursos de medicina seriam os veículos dessa conscientização da necessidade de planejamento familiar”, diz o médico. O telefone para mais informações sobre o novo Ambulatório é (51) 2101-8148.

2º Salão DE GRADUAÇÃO

3º Salão DE EDUCAÇÃO A DISTÂNCIA

26 a 28 de junho de 2007
Campus Central - UFRGS

Inscrições: 14 a 30 de maio
Informações: www.ufrgs.br/salao

UFRGS
PROGRAD
SEAD

ARTE: ROSÂNE VIEIRA



Ensino Superior cai na rede

Integração
Instituições públicas e privadas qualificarão professores que estão em sala de aula, mas não têm formação adequada

Jacira Cabral da Silveira

Foi criada no dia 11 de abril a Rede Gaúcha de Ensino Superior a Distância (REGESD). A cerimônia, realizada na UFRGS, contou com a presença de representantes das oito instituições integrantes da Rede: UFRGS, Universidade Estadual do Rio Grande do Sul (UERGS), Universidade Federal de Santa Maria (UFSM), Fundação Universidade Federal do Rio Grande (Furg), Universidade Federal de Pelotas (UFPel), Centro Federal de Educação Tecnológica (Cefet/RS), Universidade de Caxias do Sul (UCS) e Universidade de Santa Cruz do Sul (Unisc).

Primeiramente, será oferecido um total de 1.800 vagas, distribuídas entre os cursos de Geografia, Artes, Biologia, Matemática e Letras (espanhol e inglês). Os cursos de Artes, Biologia e Inglês serão coordenados pela UFRGS e os de Espanhol, Matemática e Geografia pela UFSM. Existem hoje no estado mais de 30 pólos de ensino a distância, mantidos pelo Ministério da Educação (MEC) e pelas prefeituras das localidades onde estão inseridos. Em cada um deles há um tutor presencial para cada grupo de 30 alunos. Com a criação da rede gaúcha, o MEC vai investir em novos equipamentos, cabendo aos coordenadores de cursos a qualificação e seleção do pessoal.

Segundo o decreto 5.622 de 19 de dezembro de 2005 “caracteriza-se educação a distância como modalidade educacional na qual a mediação didático-pedagógica nos processos de ensino e aprendizagem ocorre com a utilização de meios e tecnologias de informação e comunicação,

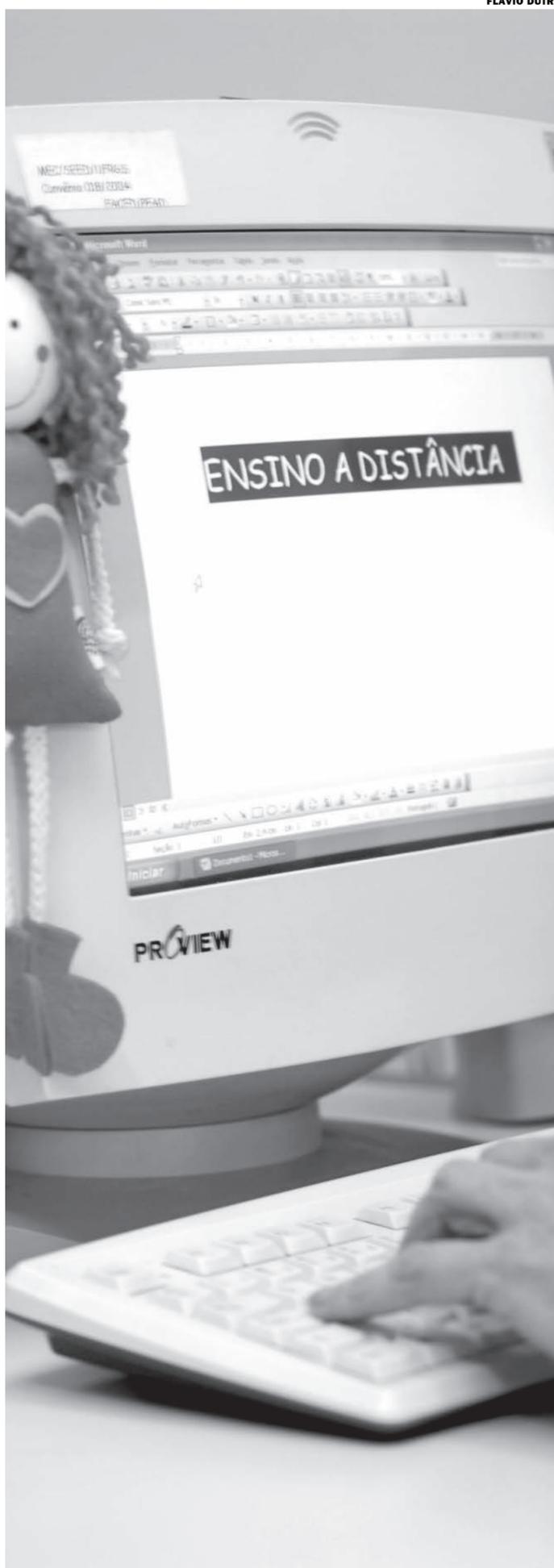
com estudantes e professores desenvolvendo atividades educativas em lugares ou tempos diversos.” Neste sentido, as lideranças presentes à solenidade de criação da Rede reconheceram a relevância da iniciativa para a formação dos professores que estão em sala de aula, mas não têm a titulação exigida pela Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional.

Acesso ampliado –De acordo com a coordenadora dos cursos a distância da UFPel e da Universidade Federal do Pampa (Unipampa), Lorena Arruda Gomes de Souza, ainda são muitos os docentes do ensino fundamental e médio nesta situação. Para ela, a criação da rede ampliará o acesso ao estudo e qualificação profissional. O reitor da Universidade de Caxias do Sul (UCS), Isidoro Zorzi, comentou que existe uma demanda significativa de profissionais nas áreas abrangidas pela rede.

Há três anos, a UCS já oferece educação a distância através dos cursos de Pedagogia e Administração Pública. Entretanto, Zorzi destaca que a principal dificuldade do ensino a distância é a falta de pessoal qualificado, pois a maioria dos docentes está acostumada a trabalhar com aulas presenciais. “Preparar material para um aluno que vai trabalhar sem a presença do professor é outra realidade e exige uma metodologia diferente para aquele que planeja”.

Em seu pronunciamento, o reitor da UFRGS professor José Carlos Ferraz Henemann salientou a importância da Rede, destacando sua abrangência geográfica: “Só a UERGS atinge 26 municípios”. Também lembrou que a iniciativa possibilitará o cumprimento do papel das universidades públicas de levar aprimoramento aos profissionais do ensino básico, que não têm oportunidade nem condições para realizar um curso superior nas instituições de ensino presencial.

A UFRGS tem quatro núcleos de educação a distância com atividades em andamento: Desenvolvimento de Produtos, Design de Superfície, Tecnologia Digital Aplicada à Educação e o núcleo do Centro de Estudos e Pesquisas Econômicas



FLÁVIO DUTRA

Pioneirismo amplia oportunidades

A UFRGS mantém, desde agosto de 2002, a Secretaria de Educação a Distância (SEAD), órgão que promove cursos presenciais, cursos a distância e fomento interno. Somente na área da Educação a Distância, somando os alunos dos cursos de graduação, mestrado, doutorado e extensão, a Universidade já atingiu 13.958 pessoas. Atualmente, são 500 vagas para o curso de Administração, desenvolvido em 10 pólos no estado. O curso de Pedagogia ocorre em cinco pólos e dispõe de 400 vagas. No segundo semestre deste ano, serão oferecidas 600 vagas para o curso de Planejamento e Gestão em Desenvolvimento Rural, distribuídas entre 12 pólos.

Assim como o professor Henemann, o reitor da UFSM Clóvis Silva Lima, ressaltou o pioneirismo da REGESD, por congregar instituições de naturezas diferentes: universidades públicas, particulares e comunitárias. Segundo o professor, a proposta de unificação não tem apenas o objetivo de expandir o ensino, mas também o de possibilitar melhor qualidade de vida para a população.

Para Lima, a dificuldade de atualização resulta tanto na desmotivação dos docentes, por falta de melhor qualificação, como na frustração das expectativas dos adolescentes quanto ao futuro. “Recentemente, tivemos conhecimento de levantamentos sobre a desmotivação de jovens a partir dos 15 anos com relação aos estudos como um todo”. Esse fato se explica, na opinião do reitor, pelo despreparo do sistema educacional brasileiro quanto à formação da juventude com vistas a um futuro melhor.

Há dois anos, a UFSM desenvolve projetos de ensino a distância, sendo que a primeira iniciativa foi com o curso de Educação Especial, nas modalidades de graduação e especialização. Experiência que, na avaliação do reitor, suscita algumas dúvidas com relação ao tema: “Até onde este ensino poderá se expandir? Ficará apenas no projeto das licenciaturas até que se consiga diplomar todos os nossos colegas dos ensinos fundamental e médio? Ou será um projeto a ser levado adiante?” Nesta perspectiva, o professor comenta sobre a importância de serem promovidas discussões para que se possa verificar, em cada comunidade, quais referenciais e até quando será possível avançar em educação a distância, preservando a qualidade.

Conhecendo a UFRGS



CADINHO ANDRADE

Creche Francesca Zacaro Faraco

Fernando Favaretto

Criada há 35 anos, numa iniciativa pioneira nas universidades brasileiras, que teve como protagonistas trabalhadoras e estudantes da área de Enfermagem, a Creche da UFRGS tem como um de seus objetivos o envolvimento nos processos de ensino, pesquisa e extensão, desenvolvidos pela Universidade.

Preocupada com o cuidado das crianças de zero a seis anos, a proposta pedagógica da Creche procura construir espaços de convívio nos quais trocas e reelaborações de conhecimentos ajudem na constituição das identidades individuais e coletivas. Segundo a coordenadora pedagógica Aida Leal Garcia, a autonomia das crianças é estimulada desde o ingresso, cabendo aos educadores a função de intermediá-

rios entre os seus interesses e as suas necessidades, tanto em relação à alimentação e à saúde quanto ao desenvolvimento intelectual.

Tentando superar a idéia de escola infantil como espaço de assistência, recreação ou simples preparo para as etapas posteriores de escolarização, os educadores da instituição investem na socialização e no compartilhamento de saberes, como incentivo para as práticas de cidadania. Conduzidos por um currículo dinâmico, que exige planejamento constante e a acolhida dos interesses e construções das crianças, os professores enfatizam atividades de caráter lúdico e interativo, respeitando as etapas e manifestações da infância e explorando suas riquezas e pluralidades.

Como contribuição ao desenvolvimento sociocognitivo dos alunos, a

Creche envolve-se com diversas áreas do conhecimento, sendo parceira de projetos elaborados pela Escola de Enfermagem, pela Faculdade de Odontologia e pela Escola de Educação Física, os quais reforçam o ideal de cooperação e de aprendizado mútuo que norteia muitas de suas ações.

De acordo com Danielle Finamor Rezes de Souza, que integra a equipe diretiva, a busca de diálogo com as famílias dos alunos é uma das marcas do trabalho pedagógico e administrativo desenvolvido ao longo dos anos e um dos grandes desafios de toda a comunidade escolar.

Para conhecer melhor a rotina da Creche Francesca Zacaro Faraco, assista ao programa Conhecendo a UFRGS produzido pela UFRGS TV, que será exibido no próximo dia 22 de maio, às 21h30min, pelo canal 15 da NET.

UFRGS apresenta mudanças no vestibular 2008

Processo seletivo
Universidade
modificou ordem
das provas e locais
de aplicação no
interior gaúcho,
ampliando acesso
dos candidatos

Ânia Chala

Entre as mudanças anunciadas no final do mês passado, a presidente da Comissão Permanente de Seleção da UFRGS (Coperse), professora Maria Adélia Pinhal de Carlos, destacou a alteração da ordem das provas. A modificação foi feita após avaliação por parte da Comissão, ouvidos os professores envolvidos nas bancas de elaboração das provas e os candidatos que participaram do concurso. "As provas de Física e Matemática não serão mais realizadas no mesmo dia, porque exigem um tempo de concentração maior. Os vestibulandos consideraram que houve uma sobrecarga com a aplicação das provas dessas matérias na mesma data e que faltou tempo para responder a todas as questões."

Conforme a professora, a prova de Física será aplicada no primeiro dia, junto com a de Literatura e a de Língua Estrangeira. Já o teste de Matemática irá para o último dia, juntamente com o de História. "Desta forma, teremos provas que exigirão dos candidatos dois tipos de raciocínio bem diferentes. No terceiro dia de vestibular, aplicaremos as provas de Geografia, Biologia e Química, três campos do conhecimento que têm um caráter interdisciplinar."

A dirigente salienta que a UFRGS tem por princípio facilitar o acesso àqueles candidatos que tenham dificuldades em se deslocar para Porto Alegre. Por isso, no concurso vestibular deste ano, pela primeira vez, foram realizadas provas simultaneamente em Alegrete, Bento Gonçalves, Carazinho e na capital.

Para 2008, novos locais foram designados. "Houve solicitação por parte das comunidades do Litoral Norte para que fizéssemos provas naquela região. Na escolha de Imbé e Tramandaí consideramos o fato da Universidade já ter uma estrutura em Imbé, o Ceclimar. Além disso, as escolas dessas duas cidades têm plenas condições de acolher os candidatos."

Maria Adélia acrescenta que as cidades são escolhidas em função de fatores como a existência de locais



No próximo concurso, a duração das provas será padronizada em 4h30min

adequados para que os candidatos realizem as provas nas condições mais favoráveis possíveis. As provas do próximo vestibular serão aplicadas simultaneamente em Porto Alegre, Bento Gonçalves, Cruz Alta e Imbé-Tramandaí.

Outra modificação introduzida diz respeito à padronização no tempo para a realização das provas: nos quatro dias do concurso, os candidatos terão 4h30min para responder às questões.

Quanto às medidas de segurança para evitar a ocorrência de fraudes, a dirigente da Coperse salientou que, hoje, pelo uso da impressão digital, existem plenas condições de verificar se o candidato que está fazendo a prova é realmente aquele que se inscreveu.

Vestibular não dá lucro – As inscrições para o vestibular 2008 iniciam em 5 de setembro e se estendem até 4 de outubro pela Internet, mas já há uma equipe trabalhando para a realização das provas. "No ano passado, houve uma pequena redução nas inscrições, mas hoje temos

uma projeção de que o número de candidatos voltará a aumentar, até porque estamos ampliando para 50% o valor do desconto na inscrição para os que cursaram o ensino fundamental e médio exclusivamente em escolas públicas, ou frequentaram escolas particulares com bolsa integral. Isso nos permite prever que teremos um número maior de inscritos."

Maria Adélia explica que o valor cobrado para a inscrição atende somente às despesas com a realização do concurso. "A Universidade não lucra com o vestibular, pois a taxa cobre apenas as despesas, que são altas num processo que envolve sigilo e cuidados muito grandes."

A taxa deste ano será de R\$ 100, sendo que o montante arrecadado cobre também os custos de edição e impressão das provas comentadas. "O conjunto de provas comentadas do Concurso Vestibular 2007 será lançado em breve. E, no segundo semestre, deverão ser colocados no site da UFRGS os textos de ajuda, que são como miniaulas disponibilizadas via Internet. Desta forma, estamos oferecendo um reforço aos estudos de quem está se preparando para as provas da universidade."

A presidente da Coperse finaliza dizendo que uma universidade pública como a UFRGS precisa estar atenta às necessidades daqueles que pretendem disputar uma vaga no vestibular. "Às vezes, quando visitamos escolas de ensino médio, nos deparamos com alunos que nos dizem que sequer irão se inscrever, pois consideram as provas da nossa universidade muito difíceis. Sempre respondo que o vestibular não é um bicho-papão e que faz as exigências necessárias para que um aluno possa ingressar com todas as condições num curso de nível superior."

Mais informações sobre o processo seletivo da UFRGS podem ser obtidas através do site www.ufrgs.br/coperse ou pelo telefone 3308-5907.

Nova ordem de aplicação das provas

6/1 (domingo)
Física, Literatura e L. Estrangeira
7/1 (segunda-feira)
Língua Portuguesa e Redação
8/1 (terça-feira)
Geografia, Biologia e Química
9/1 (quarta-feira)
Matemática e História

Os números do último concurso

▶ Perfil dos candidatos
Sexo feminino **20.069**
Sexo masculino **17.778**

Candidatos do interior do RS **14.881**
Candidatos de Porto Alegre **20.050**
Candidatos de fora do estado **2.916**

▶ Origem escolar
Escola pública 14.678
Maior parte em escola pública **1.905**

Total 16.583

Escola particular 17.418
Maior parte em escola particular **1.441**
Com bolsa integral **358**
Com bolsa parcial **1.361**
Maior parte em escola particular com bolsa integral **123**
Maior parte em escola particular com bolsa parcial **298**

Total 20.999

Origem não identificada 265

Ciências Biológicas repete experiência de parceria entre UFRGS e UERGS

Segundo a presidente da Coperse, Maria Adélia Pinhal de Carlos, o vestibular para o curso de Ciências Biológicas, que será realizado no dia 10 de junho, atende não só às necessidades da região do Litoral Norte, mas também de todo o estado. "Temos um grupo de professores extremamente qualificado nesta área e, em 2006, tivemos avaliações muito positivas por parte dos candidatos que ingressaram no curso."

Resultado de um trabalho conjunto da UFRGS e da UERGS, o curso de Ciências Biológicas, com ênfases em Biologia Marinha e Costeira e Gestão Ambiental Marinha e Costeira, tem por objetivo formar bacharéis para atuarem em pesquisa, planejamento e gestão da zona costeira e marinha. O seu egresso será um profissional capaz de elaborar, coordenar e executar projetos, análises e experimentos, pareceres técnicos, consultorias e assessorias, abrangendo manejo, uso e controle de espécies e de outros recursos naturais dos ecossistemas marinho e costeiro, visando o desenvolvimento sustentável dos mesmos.

O Curso tem duração de quatro anos, mais estágio supervisionado de seis meses, sendo que parte das aulas é ministrada na sede do Ceclimar, em Imbé, e parte na UERGS, no município de Cidreira. São oferecidas 40 vagas, metade pela UFRGS e metade pela UERGS em um vestibular anual de inverno. As inscrições para participar deste processo seletivo serão recebidas via Internet no site www.ufrgs.br/coperse/pse até às 23h59min do dia 17 deste mês. As provas são organizadas pela Coperse, nos mesmos moldes do vestibular de verão.

ARTE: ROSÂNE VIEIRA

PROPESQ PROPG SEDETEC PROEXT

inovaUFRGS

Mostra da Pesquisa e Pós-Graduação
Feira de Inovação Tecnológica

13 a 15 de junho de 2007
2º andar - Reitoria - UFRGS

INSCRIÇÕES: www.propesq.ufrgs.br - ramal 4102
aberto a professores e alunos de Pós-Graduação da UFRGS
MODALIDADES DE APRESENTAÇÃO: Pôster, Estande e Feira de Inovação Tecnológica

Quando a degradação do meio ambiente explica a



Moradores da Vila Protásio Alves, em Porto Alegre, são vítimas do descaso com o meio ambiente

FOTOS: FLÁVIO DUTRA

pobreza

Sustentabilidade Investigação inérita estabelece relação direta entre as mazelas da natureza e a miséria dos povos

Jacira Cabral da Silveira

Em outubro do ano passado, quando 86 toneladas de peixes mortos apareceram no rio dos Sinos, na região metropolitana de Porto Alegre, e cerca de 600 pescadores ficaram sem trabalho, não houve quem negasse as consequências econômicas e socio-ambientais daquele grande desastre. Com maior ou menor repercussão na mídia, há muito a má gestão ambiental tem resultado, entre outros problemas, no empobre-

cimento das populações em todo o globo terrestre.

“Pobreza não é apenas insuficiência de renda. É um conjunto de privações múltiplas abaixo de patamares considerados socialmente inaceitáveis.” Quem afirma é o economista e professor da UFRGS Flávio Comim, que no mês passado encaminhou ao Programa das Nações Unidas para o Meio Ambiente (Pnuma) a primeira etapa da pesquisa sobre índice de pobreza e meio ambiente, encomendada pelo Programa há cerca de dois anos. Sob sua coordenação, e em parceria com a Universidade de Cambridge, na Inglaterra, o grupo de pesquisadores contou com o representante inglês, Nicolas Sirven, o indiano Pushpan Kumar (Universidade de Nova Delhi) e os bolsistas Ely Mattos, Mônica Concha, Esmeralda Correa, Carla Silva e Philipe Berman, todos estudantes ligados ao Programa de Pós-graduação em Economia.

Diferente de outras investigações, a metodologia adotada pelo grupo da UFRGS, explícita que a proximidade da linha de pobreza é muito mais do

que o fato de ter ou não uma renda. É também não ter saúde, educação, estar inseguro quanto ao lugar onde mora. O próprio fato de sentir-se triste, pode, conforme o indivíduo, constituir-se em indicador de pobreza. Neste sentido, Comim argumenta que para entender um indicador de pobreza e meio ambiente é preciso contar uma história. “Quando especificamos um modelo e usamos um fator de ajustamento é possível trabalhar as variáveis ambientais, vendo o grau de associação com a variável de pobreza, e assim empurrando – para cima ou para baixo – o grau de pobreza em função do meio ambiente.”

A referida investigação, coordenada pelo professor brasileiro, tem como foco países africanos. Os resultados deverão servir como fonte de consulta e estudo para subsidiar a ação de promotores de políticas públicas com vistas a reverter, tanto a situação social africana quanto a degradação ambiental de um ponto de vista integrado. Ainda neste ano, Comim e os bolsistas visitarão os países pesquisados para apresentar o resultado do tra-

balho e explicar como operar as equações através das quais é possível estabelecer relação quantitativa entre os índices de pobreza e as condições do meio ambiente.

A interligação é inédita, se comparada aos indicadores mundiais mais famosos como Pegada Ecológica, Universidade de Yale, Índice de Sustentabilidade Ambiental e Barômetro da Sustentabilidade. Depois de muitos estudos, os pesquisadores perceberam que em nenhum desses documentos internacionais as variáveis “falam” umas com as outras, ou seja, os indicadores sociais, os de crescimento econômico e os de degradação ambiental aparecem isolados. “O que temos é um diálogo inexistente,” ironiza Comim.

Esses dados, entretanto, aparecem expressos através de diferentes estratégias de integração, como, por exemplo, por meio de gráficos nos quais as três dimensões são representadas em um triângulo, sugerindo uma aproximação inexistente. Em outras pesquisas, reduz-se tudo a dinheiro, “monetizando as variáveis”. Mas, segundo o professor, “há coisas

que não podem ser reduzidas a dinheiro”. Outra questão que ficou sem resposta foi a falta de justificativa para a escolha das variáveis e em que elas medida estão relacionadas.

De acordo com Comim, a partir dessas observações preliminares sobre a forma como o tema dos indicadores de pobreza e meio ambiente vêm sendo tratados, foi possível detectar concepções inadequadas sobre o que é sustentabilidade. “Hoje, no mundo inteiro, as pessoas falam sobre sustentabilidade com pouca clareza sobre o que realmente significa este termo.”

Para agravar a situação, meio ambiente ainda é visto como um luxo para muitos, principalmente no âmbito daqueles que têm poder decisório. “Quando os governos pensam em desenvolvimento, até consideram que é recomendável fazer uma avaliação de impacto ambiental. Só para dizer que está tudo certo. Mas, em realidade, não existe uma mecânica desses governos para melhorar o meio ambiente em face do que eles consideram desenvolvimento.”

Resposta está numa equação integradora

A pesquisa coordenada pelo professor Flávio Comim, por solicitação do Programa das Nações Unidas para o Meio Ambiente (Pnuma) começou pela revisão dos índices existentes sobre bem-estar/meio ambiente e pobreza/meio ambiente. Depois, foram analisadas suas limitações e, finalmente, os pesquisadores colocaram em prática uma metodologia, mostrando aspectos inovadores e calculando os índices de pobreza e meio ambiente para todos os países do mundo.

Em visita ao continente africano, Comim pôde observar que, em determinados povoados africanos, a falta de água potável obriga mães e filhos a percorrerem longas distâncias. Já cansadas do trajeto diário, muitas dessas crianças acabam não indo à escola, aumentando assim o índice de evasão escolar e dificultando ainda mais o acesso dessas cama-

das sociais a uma vida mais digna.

Impactos como estes, que estabelecem relação entre os aspectos ambientais e a pobreza, são pouco reconhecidos, comenta o professor. “Eles aparecem em relatórios como o do Pnud-2006, mas, via de regra, não há uma sistematização.” Comim afirma que apenas recentemente foi reconhecida a importância da existência desses elos. “Para ser um bom indicador de pobreza e meio ambiente, um indicador tem que satisfazer à condição de integração, sendo capaz de pontuar diferentes variáveis e estabelecer uma ‘conversa’ entre elas. Ele tem que ser capaz de falar de condições de valores normativos (no caso da pobreza), mas também técnicos de sustentabilidade (no caso de indicadores ambientais).”

Fez parte da metodologia o emprego de uma equação que possibilitou uma leitura integradora das variáveis

de pobreza e meio ambiente. Conforme explica Comim, esta equação mostra, por exemplo, que a subnutrição também depende de variáveis ambientais, tais como desmatamento, falta de água potável e poluição por uso de fontes de energias tradicionais. “Estas e outras variáveis ambientais afetam a saúde e a possibilidade das pessoas ganharem o seu sustento, principalmente em áreas rurais.”

Esmeralda Correa, uma das bolsistas que integram o grupo, explica a equação: antes do sinal de igualdade coloca-se uma variável de pobreza (vp) e, depois do sinal, todas as variáveis ambientais (va). A partir deste primeiro cálculo, para o qual é utilizado um programa do Excel, chega-se às variáveis significativas. Ou seja, àquelas que mais contribuem para a variável de pobreza selecionada.

Como exemplo, a doutoranda cita a equação que fizeram para apurar

quais os fatores ambientais que contribuem diretamente na desnutrição da população do continente africano. Num segundo momento, através da regressão (programa estatístico que estabelece relação entre variáveis), chegaram à baixa produtividade agrícola e ao consumo de energia tradicional (basicamente queima de madeira), como variáveis ambientais que explicam a desnutrição na África.

“Com estes dados, os gestores podem planejar políticas e estratégias especialmente voltadas para as questões ambientais que efetivamente afetam a economia de cada localidade,” observa Comim. Por isso, o pesquisador adverte que, para cada localidade, povoado ou nação há uma forma própria e exclusiva de tratar seus problemas, devido às peculiaridades regionais. Pois, para cada variável de pobreza, existirão condições ambientais específicas.



Causas ambientais da desnutrição em cada continente

A doutoranda de Economia, Esmeralda Correa, comenta que, durante a fase inicial do estudo, os dados disponíveis nos órgãos nacionais foram insuficientes para chegar aos indicadores de pobreza nos nove países africanos destacados pelo Pnuma. Por isso, foi necessário recorrer a fontes de bases mundiais como o próprio Pnuma, o Programa das Nações Unidas para o Desenvolvimento (Pnud) e a Organização Mundial de Saúde (OMS). O vasto banco de dados, permitiu entender os cálculos dos diversos índices de pobreza e meio ambiente para todos os países do mundo.

De forma sucinta, para explicar a desnutrição nos diferentes continentes, os pesquisadores chegaram aos seguintes problemas ambientais, como os causadores de situações específicas de pobreza:

- ▶ **Américas:** risco de erosão; degradação severa da terra; consumo de energia tradicional (prioritariamente a queima de madeira); dióxido de carbono.
- ▶ **Europa:** dióxido de carbono; carência de água potável; baixa produção agrícola; perda de biodiversidade; uso desregrado do solo.
- ▶ **Ásia:** água insalubre; carência de água potável.
- ▶ **África:** baixa produção agrícola; consumo de energia tradicional.



“Não há plano para reduzir a pobreza no mundo”

De acordo com estudo do Banco Mundial, que teve a colaboração de especialistas do Programa das Nações Unidas para o Desenvolvimento (Pnud), a pobreza está cada vez mais concentrada nos Estados frágeis, se considerarmos a primeira meta dos Objetivos de Desenvolvimento do Milênio (ODM). No caso da América Latina, o único país nesta condição é o Haiti, em que 53,9% das pessoas vivem com menos de US\$ 1 por dia. O indicador também é ruim em países como Nicarágua (45,1%), Bolívia (23,2%) e El Salvador (19%). Na outra ponta estão Uruguai (com menos de 2% na extrema pobreza), Argentina (6,6%) e Brasil (7,5%).

Conforme o economista Flávio Comim, esses dados estão dentro do esperado. Ele e os professores Sabino Porto e Eduardo Ribeiro representaram a UFRGS no monitoramento brasileiro dos Objetivos do Milênio. Segundo Comim, para atingir as metas fixadas é mais fácil investir em nações que estão prestes a superar as condições de pobreza. Por isso, onde os pobres são mais pobres, torna-se mais difícil satisfazer essas metas. “De fato, não há plano para reduzir a pobreza no mundo. Existe apenas um acompanhamento feito pelos ODM.”

Com base em seus estudos, ele avalia que todas as metas dos Objetivos do Milênio são vistas separadamente: “Como se não fosse da sua junção que podemos caracterizar a pobreza como um fenômeno multidimensional”. Nesse sentido, o economista considera importante ver a deficiência nas bases de recursos e serviços dos ecossistemas como parte integrante, tanto da pobreza urbana quanto rural.

Quanto à situação da América Latina, reconhece que o grau de insustentabilidade não é avaliado pelos ODM, uma vez que a degradação ambiental da região faz com que o problema da pobreza seja ainda mais grave do que o sugerido por variáveis como insuficiência monetária. “Por isso, acreditamos que o nosso trabalho é importante, por inserir esses parâmetros de referências e de integração das diferentes dimensões que compõem o desenvolvimento sustentável.”

Entrevista Rualdo Menegat

Atuar localmente para mudar globalmente

Rualdo Menegat é geólogo e professor do Departamento de Paleontologia e Estratigrafia do Instituto de Geociências da UFRGS e foi um dos coordenadores da obra *Desenvolvimento Sustentável e Gestão Ambiental nas Cidades* (Editora da UFRGS, 2004). Nesta entrevista, ele atualiza alguns conceitos presentes na pesquisa do economista Flávio Comim.

Jornal da Universidade – O que é sustentabilidade e desenvolvimento sustentável?

Rualdo Menegat – A palavra ‘sustentar’ vem do latim *sustento* e significa ‘suspender por cima, suportar por baixo, equilibrar, proteger, consolar o espírito, conservar, cuidar; fazer frente a’. Para o pesquisador, Ignacy Sachs, a sustentabilidade tem cinco dimensões: ambiental, social, econômica, política e cultural. Catástrofes ambientais como a ocorrida no rio dos Sinos podem ser estendidas, também, para outras escalas: a planetária, com o problema do aquecimento global; a regional, com a devastação dos ecossistemas; a local, com a contaminação dos recursos hídricos por resíduos perigosos, tóxicos, e, até a familiar e pessoal, na medida que tais contaminantes e o estresse gerado por tudo isso afeta a saúde das pessoas. Acabamos nos hospitais e nos tribunais da Justiça. Assim, podemos acrescentar também mais uma dimensão, que é a civilizatória, posto que o aumento da desordem ambiental é acompanhado da desordem social e da crise dos valores civilizatórios. Já a expressão ‘desenvolvimento sustentável’ é bem definida pelo pesquisador inglês David Satterthwaite. Ele costuma dizer que ‘desenvolvimento’, nesta expressão, significa ‘atender as necessidades humanas’ e ‘sustentável’, ‘sem comprometer o patrimônio ambiental’. Por isso, esses conceitos são interdisciplinares, pois há que discutir o que significa atender as necessidades humanas e, também, o que é o ‘patrimônio ambiental’, o que implica o exercício de várias disciplinas e contextos culturais.

JU – Quais as grandes questões que envolvem a sustentabilidade?

RM – Hoje, mais de 3,5 bilhões de pessoas vivem em metrópoles e seu modo de vida é extremamente consumista, fazendo dessas cidades um organismo de alta voracidade e baixa capacidade metabólica. Como resultado, temos uma dupla exaustão dos ecossistemas: a retirada em excesso dos bens naturais; e a devolução aos ecossistemas de rejeitos. O atual sistema metabólico urbano é biocida, daí a importância de torná-lo biogênico (promotor da vida). Isso requer a reciclagem de todos os tipos de resíduos, a redução da demanda por energia através de edificações sustentáveis e a elaboração de produtos duráveis e eficientes. A mudança do ciclo metabólico urbano também influencia o modo como hoje são produzidos os alimentos, por meio de grandes plantações com uso de agrotóxicos. Como a produção tecnológica e científica atual é feita

em nome de um ‘avanço’ por si mesmo, é preciso repensar esta produção em termos de uma finalidade sustentável humana e planetária. Ou seja, enquanto os processos naturais são sempre contingenciados no lugar e no tempo, as questões tecnológicas são pensadas como não tendo limites. Assim, o mundo contemporâneo vive um longo dogma de acreditar que a tecnologia pura e simples poderá vencer sempre as contingências naturais.

JU – Como interligar pobreza, meio ambiente e sustentabilidade?

RM – Podemos ver a pobreza apenas como uma divisão de classes sociais. Mas, quando identificamos o lugar onde grande parte das pessoas mais pobres vive, vamos delimitar certos territórios da urbe. E, quando procuramos analisar como essas pessoas vivem, o que fazem e como fazem, vamos entender que a pobreza urbana é também parte do ciclo metabólico biocida. Ou seja, os pobres vivem em locais onde a cidade também despeja seus rejeitos ambientais. Essas pessoas não estão apenas à margem da sociedade, mas também da cidade. Nessa margem, a cidade costuma lançar seus rejeitos, sem nenhum tratamento. Assim, os pobres passam a aproveitar os restos que a cidade rejeita, com alto risco de contaminação. Por essa razão, são erroneamente identificados como causadores de problemas ambientais, quando a questão central é o fluxo metabólico biocida. Se a cidade organizar o ciclo metabólico em termos de uma reciclagem de seus rejeitos, se organizar a produção agrícola por meio da introdução de hortas e, inclusive, suinocultura urbana, haveria trabalho, renda e alimentos para todos na cidade. Com isso, pode-se diminuir simultaneamente a pobreza, os problemas ambientais e tornar biogênico o fluxo metabólico urbano, isto é, mais sustentável.

JU – Mumford (1998) disse que precisamos de “uma nova imagem da ordem”. O que é esta nova ordem?

RM – As sociedades humanas aprendem de duas formas. Pelo esforço cultural, no qual identificam valores e finalidades que garantem a sobrevivência, ou pelas situações emergenciais, que obrigam os indivíduos a mudarem sua visão e o modo como vinham sobrevivendo. Mumford, um dos maiores intelectuais do Novo Mundo, foi quem mais analisou em profundidade a relação da humanidade com a natureza. Antevendo o colapso humano e da natureza, não apenas em termos materiais, mas também espirituais, propôs uma nova ordem que chamou de humanismo orgânico. Suas principais obras são anteriores à introdução do conceito de sustentabilidade, mas ninguém estudou melhor a questão do que ele. Portanto, podemos mudar por uma opção cultural ou por força da situação. A primeira opção implica em escolha de valores civilizatórios, a segunda, nos leva à barbárie. Não devemos esperar que tudo mude para que haja mudança individual. O grande lema do ambientalismo “pensar globalmente para agir localmente” foi renovado pelo célebre professor Ramon Folch, de Barcelona, que prefere dizer: é preciso atuar localmente com o propósito de mudar globalmente.

Cronologia do olhar sobre a questão ambiental

1972 Conferência de Estocolmo sobre o Meio Ambiente – primeira conferência mundial que tratou da natureza tanto global quanto transfronteira, da degradação e da poluição ambientais.

1992 ECO 92 ou RIO 92 – Conferência das Nações Unidas para o Meio Ambiente e o Desenvolvimento (Cnumad), ocorrida de 3 a 14 de junho, no Rio de Janeiro, para buscar meios de conciliar o desenvolvimento socioeconômico e industrial com a conservação e proteção dos ecossistemas do planeta. Agenda 21 - principal documento produzido na RIO-92, que propôs um novo padrão de desenvolvimento ambientalmente racional, conciliando métodos de proteção ambiental, justiça social e eficiência econômica.

1997 Protocolo de Kyoto – resultado da Terceira Conferência da Convenção das Nações Unidas sobre Mudanças Climáticas, realizada no Japão. O documento estabelece a redução das emissões de dióxido de carbono (CO2) e outros gases do efeito estufa, que respondem por 76% do total das emissões relacionadas ao aquecimento global, nos países industrializados.

2002 Cúpula Mundial sobre Desenvolvimento Sustentável (Rio + 10) – maior conferência da história da ONU, realizada de 26 de agosto a 4 de setembro em Johannesburgo. Como ficou conhecida na imprensa internacional: cúpula da estagnação e da oportunidade perdida.



Sempre que se degrada o meio ambiente em 1%, a pobreza aumenta em 0,26%



REPRODUÇÃO

Malvinas

25 anos de um erro estratégico



HMS Sheffield, navio inglês bombardeado pelos aviões argentinos

História

Na tentativa de manter-se no poder, militares argentinos jogaram o país em guerra perdida

Ánia Chala

O professor e pesquisador do Programa de Pós-graduação em História da UFRGS, Cesar Augusto Barcellos Guazelli, considera que a Guerra das Malvinas teve um significado importante por estar relacionada com a ditadura militar argentina, um trauma não só na sociedade daquele país como na América Latina em geral. Iniciada em 1976, com o golpe militar que depôs Isabel Martínez de Perón, a ditadura durou sete anos e deixou um saldo de mais de 100 mil pessoas torturadas e cerca de 30 mil desaparecidos.

Para Guazelli, o episódio deve ser entendido a partir da crise interna vivida pelo governo argentino. “O programa econômico do primeiro ditador, Jorge Videla, era ultraliberal e foi apoiado por setores empresariais. Porém, a partir de sua implantação, esses mesmos setores sofreram diretamente as consequências da concentração de capitais e da propriedade.” Além disso, havia a questão política, pois o país enfrentou uma restrição de liberdades absurda, com desaparecimentos e mortes. “Videla acabou sendo substituído, em março de 1981, pelo general Roberto Viola, que aceitou com uma discreta ‘abertura’, em resposta ao anseio mundial pelo fim das ditaduras”, recorda o professor, assinalando que o presidente norte-americano Jimmy Carter utilizou a defesa dos direitos humanos como estratégia de marketing governamental.

O governo de Viola durou menos de nove meses, mas, conforme o pesquisador, permitiu a organização de uma frente multipartidária que exigia o afrouxamento da censura e mudanças nos rumos da economia. “O regime balançou e isso foi interpretado pelo núcleo duro das forças armadas como uma fraqueza de Viola. Em dezembro daquele ano, ele foi substituído por Leopoldo Galtieri, que retoma o estilo de Videla. Mas a situação toda do país é muito complicada, porque a economia argentina já estava em crise.”

Quando Galtieri assumiu o governo já teria em perspectiva uma grande manobra de efeito para obter apoio da sociedade civil. “Aparentemente, já existia o plano de retomada das Malvinas e, hoje, considera-se que foi

um erro estratégico. Mas ninguém sabe exatamente o que ocorreu, por exemplo, em relação às sinalizações que os Estados Unidos possam ter enviado ao governo argentino. Afinal de contas, a Argentina tinha uma aliança incondicional com os norte-americanos, diferentemente do Brasil, que fazia parte dos chamados países não-alinhados e mantinha uma política externa independente.”

De aliados a inimigos – Guazelli lembra que, na época, havia complicações ainda hoje difíceis de avaliar: o presidente americano havia embargado a venda de trigo para a União Soviética em função da política de direitos humanos. Com isso, a União Soviética transformou-se em forte parceira comercial da Argentina, o que gerou uma crise econômica sem precedentes nos EUA. O pesquisador diz ainda que as poucas informações militares que os argentinos aproveitaram na sua tentativa de enfrentar os ingleses foram fornecidas pelos soviéticos. “Então, além da União Soviética manter uma parceria econômica com uma ditadura de extrema direita, ainda prestou auxílio militar indireto.”

Mas para os Estados Unidos a situação também era complexa: a Argentina, desde o início da Guerra Fria, era aliada dentro de um tratado pelo qual os EUA se comprometiam a proteger os países do continente americano. Por outro lado, desde o século XIX, a política externa norte-americana baseava-se na doutrina Monroe, que reivindicava a não interferência das potências europeias em interesses americanos. “Com isso, tentava-se criar uma hegemonia norte-americana dentro da América Latina. De qualquer maneira, a Inglaterra, uma potência europeia, estava interferindo numa questão latino-americana e contra um aliado de primeira hora dos EUA.” Contudo, Guazelli salienta que os Estados Unidos sempre tiveram na Organização do Tratado do Atlântico Norte (Otan) um organismo fundamental para sua segurança, no qual a Inglaterra é a peça-chave. Deste modo, os norte-americanos ficaram numa situação incômoda ao terem de escolher entre dois aliados importantes.

Até hoje se discute o comportamento dos países vizinhos, como o Brasil, o Uruguai e o Chile. “Formalmente, o Brasil esteve ao lado da Argentina, mas há histórias que falam do pouso de aviões ingleses em bases aéreas brasileiras. É difícil avaliar isso. No Uruguai também, até por conta da rivalidade extrema entre os dois países. Mas tudo isso faz parte da disputa entre Brasil e Argentina pela hegemonia na América Latina, sendo que o Uruguai fica no meio como Estado tampão. Porém, formalmente, os vizinhos apoiaram a tese de que as Malvinas eram Argentinas.”

Conquistando corações e mentes

Em 30 de março de 1982, houve uma grande manifestação popular na Plaza de Mayo, no centro de Buenos Aires, ferozmente reprimida pela ditadura. No dia 2 de abril, o governo militar promoveu a operação de retomada das Malvinas.

Para o professor Cesar Augusto Barcellos Guazelli a “aventura militar” foi planejada no sentido de comprometer a população civil e obteve a adesão praticamente total da população. “Lembro da repercussão entre os argentinos que viviam exilados em Porto Alegre, como o compositor Talo Pereira, que chegou a se alistar. Portanto, do ponto de vista do conquistar corações e mentes, a ação dos militares foi muito eficiente. E o foi porque, na complicada formação dos estados nacionais, a questão das Malvinas está mal resolvida desde o século XIX”, sustenta o pesquisador.

Embora a Inglaterra fosse o principal parceiro comercial da Argentina, seu domínio sobre o arquipélago das Malvinas feria os brios da nacionalidade portenha. Em função desse nacionalismo, durante o conflito, os argentinos trocaram vários nomes de ruas e de estabelecimentos comerciais que faziam referência aos ingleses.

No que diz respeito à estratégia de guerra, Guazelli assinala que os militares enviaram às Malvinas soldados inexperientes, principalmente das regiões de Corrientes e do nordeste argentino, da província de La Rioja. “Parece que, desde o começo, a idéia era que os Estados Unidos intermediassem algum tipo de solução. Mas, quando a armada inglesa começa o deslocamento, e se prevê que vai haver um enfrentamento, ficou claro que não havia qualquer possibilidade concreta de triunfo perante o poderio inglês.”

Segundo o historiador, o conflito



Imprensa tomou partido na guerra pela soberania do arquipélago das Malvinas



trouxo algumas surpresas em relação às forças armadas: a marinha Argentina sempre teve um peso muito grande, mas sua atuação na guerra foi um fiasco completo. Em contrapartida, a aeronáutica, que não tinha muita expressão, conseguiu se sobressair militarmente, o mesmo

ocorrendo com o exército.

A rendição dos argentinos, oficializada em 14 de junho de 1982, foi o prenúncio do fim da ditadura. Galtieri renunciaria no final daquele mês e, embora os militares ainda pretendessem ficar no poder pelo menos até 1984, foram levados de roldão. “Ainda em 1983 começou a se desenvolver um processo eleitoral e, quando se pensou que o grande interlocutor seria o peronismo ou o que havia restado dele, aparece com uma maciça votação a União Cívica Radical, de Raúl Alfonsín, que alcançou mais de 50% dos votos. É aí que se inicia um processo de redemocratização e de reconstrução econômica do país, com o lançamento do Plano Austral.”

Guazelli acredita que, assim como a invasão teve uma adesão muito rápida por parte da população, quando veio à tona o caráter aventureiro da ocupação, esse apoio se dissolveu completamente. “Existia toda uma mística de que a Argentina jamais havia sido derrotada em campo de batalha. Mas até esse prestígio de um nacionalismo barato tornou-se frágil, no momento em que os ingleses retomam as ilhas. Porque aquele governo que era um governo de força, que tinha as Forças Armadas como a salvação para o país, que se julgava uma pequena Europa, foi sucateado pelos militares. Eles mostraram incompetência naquilo que era a sua razão de ser. A guerra interna estava sendo contestada, chamada de guerra suja por conta dos desmandos; a guerra externa foi um fiasco e a economia um desastre.”

Isso tudo, para o pesquisador, teve consequência nas outras ditaduras ainda existentes na América Latina, pois o fracasso de uma ditadura representa o fracasso de um projeto para toda a região. Nesse sentido, a derrota militar não foi só Argentina, mas de todas as ditaduras militares latino-americanas.

Mentira derrotou regime militar argentino

O professor do curso de Jornalismo da Faculdade de Biblioteconomia e Comunicação da UFRGS, Geraldo Canali foi correspondente da Rede Globo de Televisão durante a Guerra das Malvinas e um dos primeiros repórteres estrangeiros a deslocar-se para a Argentina logo depois da invasão. “Cheguei na manhã seguinte à ocupação e, apesar de termos contratado um hidroavião que nos levaria ao local do conflito, isso acabou não acontecendo, porque os pilotos não quiseram correr riscos.”

Era o começo dos anos 80 e não havia celular ou Internet e nem uma rede mundial como a CNN. “A gente

usava telefone, telex e satélite. Mandávamos imagens coletadas em Buenos Aires, que ainda tinham que passar por um filtro, já que a estação de envio era controlada pelo exército. Matérias mais críticas ou que fossem comprometedoras eram despachadas via Montevideu. E houve situações em que foi preciso ir a Porto Alegre”, lembra Canali.

Para o ex-repórter, o conflito caracterizou-se pelo forte controle da informação, pois a única cobertura por parte dos argentinos era feita por uma equipe de oficiais. Os ingleses, por seu turno, tidos como democratas, enviaram apenas uma equipe oficial da BBC, com todo o aparato e o controle do governo Thatcher. “Eles fizeram a cobertura do conflito a partir de um porta-aviões inglês sem sequer desembarcar. Foi uma guerra sem informação, uma guerra de mentiras e com muitas vítimas.”

De acordo com o jornalista, num determinado momento, ‘negociou-se’ o registro de algumas imagens com a tripulação de um avião militar argentino, que levava medicamentos e trazia corpos. “Essas imagens foram compradas a peso de ouro dos oficiais da aeronáutica argentina pela Rede Globo. Aí aconteceu uma outra guerra, que foi a disputa entre as redes de televisão, ou seja, a pirataria por satélite. A Globo mandava imagens exclusivas de Montevideu para serem captadas no Rio de Janeiro e as redes norte-americanas pirateavam o material.”

Canali acredita que a mentira acabou derrotando a ditadura argentina. “Embora o grau de manipulação da informação tenha sido absoluto, quando o governo militar não conseguiu mais esconder a derrota para os ingleses, a população revoltou-se.”



Escavações revelam passado escondido

Arqueologia

Equipe de pesquisadores estuda sítios que remontam ao período pré-colonial brasileiro

A equipe do Núcleo de Pesquisa Arqueológica (NuPArq) da UFRGS tem se dedicado, desde outubro de 2001, a um extenso projeto de escavações no município gaúcho de Pinhal da Serra, na região dos Campos de Cima da Serra, no Norte do estado. A última expedição do grupo ocorreu entre os dias 5 de janeiro e 24 de fevereiro deste ano, e contou com a participação de arqueólogos e estudantes da UFRGS, da Universidade de Caxias do Sul, da Fapa e do IPA, além de pesquisadores estrangeiros da Universidad de la República (Uruguai) e da Universidad Nacional de La Plata (Argentina). O principal alvo das escavações são antigos cemitérios indígenas, formados por montes de terra circulares em topos de morros e habitações subterrâneas.

Segundo a coordenadora do núcleo e professora do Departamento de História da UFRGS, Sílvia Moehlecke Copé, a origem dos sítios estudados provavelmente remonta aos primeiros séculos da era cristã. As escavações tiveram início durante a construção da Usina Hidrelétrica de Barra Grande, na margem esquerda do Rio Pelotas, que exigia, conforme previsto por lei, um levantamento dos sítios arqueológicos que poderiam ser afetados pelas obras, além da escavação de cada um. Contratado para realizar o trabalho, o NuPArq começou a escavação durante a construção da barragem. Mas, para a professora Sílvia, o trabalho precisaria ter começado bem antes. “Os profissionais deveriam ser contratados muito antes para fazerem o levantamento de tudo. Porém, as obras iniciam antes e, quando se vai ver, muita coisa já foi perdida”, afirma a pesquisadora.

No caso dos sítios de Pinhal da Serra foi exatamente isso que ocorreu. Por descuido, a empresa responsável pelas obras da usina destruiu nove dos 31 sítios registrados. Em uma ação até então inédita para a arqueologia brasileira, o valor da multa imposta pelo dano causado ao patrimônio histórico foi revertido para o financiamento da escavação de outros nove sítios, além do comprometimento com a construção de um parque-museu na região.

A seleção desses sítios para a realização das escavações, levou em consideração a relevância e o significado para o entendimento da ocupação dos



Material coletado durante trabalho de campo em Pinhal da Serra irá compor acervo de parque arqueológico

municípios envolvidos. Situados a cerca de 11km da zona urbana da cidade, os locais das escavações encontram-se em áreas de campos e de florestas de araucárias.

Antigos moradores – Não se sabe ainda exatamente qual era a população que vivia nos locais estudados, mas é possível que tenham sido índios Kaingang. “Esta população antiga ocupou territórios relacionados aos atuais índios Kaingang e demonstrava capacidade de mover enormes quantidades de terra para fazer suas edificações, como, por exemplo, as casas semi-subterrâneas, as estruturas anelares, pequenos montes de terra e galerias subterrâneas”, observa Sílvia.

Os trabalhos da expedição de verão envolveram a escavação de dois sítios. O primeiro deles, escolhido pelo Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (Iphan) para abrigar um museu a céu aberto, é uma aldeia composta por 10 casas subterrâneas. No local foram selecionadas duas casas para escavação, mais uma área externa com vestígios de atividades cotidianas. O outro sítio escavado na localidade forma uma estrutura anelar composta por aterros, cuja aparência lembra figuras geométricas (círculos e retângulos).

As escavações são feitas em peque-

nas áreas, demarcadas por quadrículas de 1m². Sobre o local suspende-se uma malha e, em seguida, são assinalados os pontos-limite. Somente após a retirada da rede e a marcação dos pontos começa-se o trabalho. A maior parte do material encontrado nos locais das escavações e trazido para o laboratório do NuPArq consiste em peças de pedra, como pilões para a maceração de grãos e lascas de rocha, que eram utilizados como instrumento cortante. Ossadas de animais, que poderiam ajudar a descobrir alguns hábitos da população, como alimentação, atividades diárias e vestimentas, não foram encontradas na região. De acordo com Sílvia Copé, isso se deve principalmente ao fato do solo do local ser extremamente úmido e ácido, o que favorece a decomposição dos ossos.

Parque arqueológico – O resultado mais visível do trabalho de escavação nos sítios de Pinhal da Serra é a criação do Parque Arqueológico do Homem do Planalto das Araucárias (Pahpa). O projeto do primeiro parque arqueológico do Rio Grande do Sul visa disponibilizar ao público o conhecimento produzido durante todas as fases do trabalho. A intenção é realizar exposições dos materiais, exibição de vídeos e palestras. Outra con-

seqüência importante é a valorização do turismo na região. A elaboração de roteiros ecológicos e culturais viabilizará o ecoturismo e o turismo cultural no município e no Planalto gaúcho, desenvolvendo junto à população local a necessidade de valorizar e preservar o rico patrimônio ambiental, cultural e histórico. A criação do parque, ao oferecer novas oportunidades de trabalho, também contribuirá para fixar a população jovem no município.

O planejamento do parque começará neste mês, e sua implantação garantirá a preservação adequada de uma área onde há grande concentração de sítios arqueológicos pré-coloniais do Rio Grande do Sul, assim como, uma rica biodiversidade de fauna e flora. Depois de pronto, o local abrigará todo o material coletado durante as escavações e trazido para o laboratório do NuPArq.

Durante os 51 dias em que permaneceu trabalhando na cidade, a equipe de 31 integrantes foi constantemente visitada pela comunidade. Os arqueólogos também proferiram palestras em escolas e receberam os estudantes nos sítios. A intenção era, além de mostrar os métodos de pesquisa e seus resultados, fazer um trabalho de educação patrimonial com a população local, conscientizando os moradores do município da importância da conservação e preservação desses locais. Neste mês, haverá uma nova excursão com duração de três semanas.

Formação mais completa – As atividades no Norte gaúcho também proporcionaram uma formação mais completa dos estudantes que integraram a equipe. Para o aluno de mestrado do Programa de Pós-graduação em História da UFRGS, Mateus Lovato Gomes Jardim, o trabalho de campo nas escavações, o convívio e a



troca de experiências com estudantes de outras Universidades enriqueceram muito a formação teórica dada em sala de aula. “A teoria e a prática andam juntas, elas se complementam. Ir para o campo permitiu testar a teoria na prática e, se preciso, também, rever a teoria em função da prática. O convívio com outros pesquisadores é muito proveitoso, pois quem vem de fora sempre traz elementos, idéias e métodos de trabalho novos”, observa Mateus. Segundo Jonas Gregório de Souza, estudante de graduação em História, o trabalho de campo foi fundamental para a formação. “Para aqueles que desejam seguir uma carreira acadêmica em arqueologia, o trabalho de campo é indispensável. Se o arqueólogo não conhece os procedimentos de campo, não saberá interpretar os dados recolhidos durante a escavação”, enfatiza.

Apesar de não existir na UFRGS um curso de graduação específico em Arqueologia, o estudante que deseja ser um arqueólogo pode obter uma especialização na área durante a graduação em História. O curso oferece duas disciplinas obrigatórias, Pré-história Geral e Arqueologia I, além de disciplinas eletivas como História da América Pré-colombiana e Pré-história Brasileira. No bacharelado há três habilitações na área: Arqueologia, Patrimônio Histórico-cultural e Pesquisa Histórica. Além disso, são oferecidos estágios voluntários e bolsas de iniciação científica no NuPArq.

Juliano Tatsch – estudante do 8º semestre de jornalismo da Fabico

Núcleo tem quase 20 anos de atuação

Criado em 1989, pelos professores Arno Alvarez Kern e Sílvia Moehlecke Copé, o Núcleo de Pesquisa Arqueológica (NuPArq) é ligado ao Departamento de História da UFRGS e tem o objetivo de

congregar as pesquisas arqueológicas, proporcionando aos estudantes a possibilidade de aperfeiçoamento nessa área e a divulgação dos resultados de pesquisas através do desenvolvimento de atividades de extensão.

Desde 1995, o Núcleo é coordenado pela professora Sílvia Moehlecke Copé e mantém linhas de pesquisas em Arqueologia Pré-histórica Brasileira, Arqueologia Pré-histórica Sul-riograndense, Arqueologia Histórica e

Teoria e Metodologia Arqueológica. A equipe de professores e estudantes integra um grupo de pesquisa do CNPq desde 1997, com bolsas PIBIC/CNPq, PROPEQ e Fapergs. Localizado no Campus do Vale, o NuPArq possui biblioteca especializada, com mais de 2.000 títulos informatizados. O site do núcleo na Internet é www.ufrgs.br/historia/nuparq e os telefones para contato são 3308-7169 e 3308-6868.



Quando letra e música se encontram

Extensão

Unimúsica mostra a importância da letra para a música popular brasileira

Criado em 1981, por iniciativa da Pró-reitoria de Extensão da UFRGS, como um espaço para a música feita na Universidade por estudantes, professores e funcionários, o projeto Unimúsica logo cresceu, passando a divulgar a produção musical de Porto Alegre. Ao longo de 26 anos, consolidou-se como uma das grandes atrações culturais da capital.

Neste ano, o projeto vai se dedicar à tradição lírica e poética da canção brasileira, realizando sete espetáculos, especialmente concebidos a partir da escolha de cancionistas fundamentais para a história da música popular de nosso país. Com o tema *As palavras das canções*, o Unimúsica abordará os diferentes aspectos da canção brasileira, que a transformaram em uma das manifestações artísticas mais fortes do Brasil.

Segundo a coordenadora-geral do projeto, Lígia Petrucci, a renovação é um dos pilares do Unimúsica. "O entrosamento entre melodia e letra é um tema vivo, tanto no que se refere aos processos criativos de compositores e intérpretes quanto no que diz respeito às pesquisas acadêmicas. A escolha dos compositores-letristas levou em consideração a importância da produção dos artistas."

A edição deste ano, tem a colaboração de uma equipe de coordenadores formada por Arthur de Faria, José Carlos de Azevedo, Juarez Fonseca, Luciane Del Bem, Nilton Fischer e Luís Augusto Fischer.

Lígia ressalta que uma das principais características do projeto é a proposta de trabalhar com traços menos evidentes da música, como a série Piano e Voz, desenvolvida em 2004, e a série dedicada à música instrumental, realizada em 2005. "Também nos preocupamos em trabalhar com a memória musical, destacando artistas que gravaram o seu nome na história musical brasileira e outros, que já não são mais tão lembrados pelo público."

Atividades paralelas – Além dos espetáculos, que ocorrerão no Salão de Ato da UFRGS com entrada franca, haverá uma extensa programação paralela. Um dia antes de cada show, haverá um encontro com os artistas convidados no estúdio principal da Rádio da Universidade. "Serão entrevistas abertas ao público, em que os músicos tocarão ao vivo e conversarão sobre suas trajetórias artísticas e os compositores homenageados pelo projeto", explica Lígia.

Para o fim do mês de julho, está programado o seminário *A Canção Popular na Universidade*. O encontro, coordenado pela professora do Programa de Pós-graduação em Música do Instituto de Artes, Luciane Del Ben, terá sessões de divulgação de pesquisa e debates com os professores da UFRGS Luís Augusto Fischer e Celso Loureiro Chaves e con-

vidados de outras universidades brasileiras que têm se dedicado ao tema, como o músico e pesquisador Luiz Tatit (USP), um dos criadores do grupo *Rumo*, destaque da vanguarda paulista nos anos 80.

Em outubro, serão duas atrações: uma edição especial do *Sarau Elétrico*, consagrada atração da cena cultural porto-alegrense, que reunirá poetas e letristas da atualidade para discutir a relação entre poesia escrita e poesia cantada; e o *Unimúsiquinha*, apresentando o espetáculo "Arca de Canções" para público infantil, com a Orquestra de Flautas da Escola Municipal Heitor Villa-Lobos e a participação de artistas gaúchos.

Até o final do ano, será criada uma série de documentários radiofônicos, focalizando os compositores destacados pelo projeto. Os documentários, produzidos pela estudante de jornalismo da Fabico Ana Laura Colombo de Freitas, com supervisão da professora Cida Golin, serão veiculados pela Rádio da Universidade, duas semanas após cada espetáculo. A iniciativa, conforme Lígia, mostrará o quanto o Unimúsica leva a sério a ideia de que a música popular brasileira é conhecimento.

Espectáculos inéditos – A primeira apresentação musical deste ano será no dia 7 de junho, com Arthur Nestrovski e Zélia Duncan. Na opinião do músico gaúcho radicado em São Paulo, o espetáculo *Na linha de Cartola*, trará a Porto Alegre não somente canções do artista carioca, um dos deuses da música brasileira, mas obras de outros compositores. "Nosso show terá cinco ou seis músicas de Cartola e umas quinze de outros autores, de Zé Miguel Wisnik a Lupicínio Rodrigues, de Tom Jobim a Luiz Tatit, de Chico Buarque a Guerra-Peixe. Além de algumas composições inéditas minhas e da própria Zélia. Tudo em arranjos para voz e violão, especialmente feitos para essa noite, que retrabalham as canções com outras referências, criando uma complexa teia musical", explica.

Nestrovski, que também é professor de Comunicação e Semiótica da PUC paulista e articulista do jornal *Folha de S. Paulo*, diz que o projeto Unimúsica é um exemplo do que deveria ser a função cultural das nossas universidades, que só raramente é cumprida. "Não há nada parecido em São Paulo, por exemplo. E ninguém tem desculpa para não fazer, ainda mais com esse precedente", afirma.

Analisando o tema escolhido para a edição deste ano do projeto, o professor considera a união entre letra e música uma das principais qualidades da MPB. "A relação entre poesia e música é uma das glórias da nossa música, que é, por consenso mundial, uma das realizações mais altas da cultura brasileira. Ficou tão comum pensar em canções ao molde das de Chico ou Caetano, ou de Tom e Vinícius, para ficar só nesses, que esse repertório nos parece natural. Mas não tem nada de natural; e precisa ser valorizado, escutado e estudado como merece", observa Nestrovski.

Juliano Tatsch – estudante do 8º semestre de jornalismo da Fabico

Zélia Duncan e Arthur Nestrovski fazem, no dia 7 de junho, no Salão de Ato da UFRGS, o show de estréia da série intitulada *As palavras das canções*. O espetáculo terá músicas de Cartola e de outros grandes compositores



NANA MORAES



MARCELO MARAGNI

Programação

Unimúsica

Horário e local: 19h, no Salão de Ato
Retirada de senhas para ingresso no Museu da UFRGS, três dias antes de cada show, das 9h às 18h, mediante doação de 1kg de alimento não-perecível

7 de junho – "Na linha de Cartola" com Zélia Duncan e Arthur Nestrovski
5 de julho – "Na linha de Braguinha" com Izabel Padovani Quarteto
2 de agosto – "Na linha de Tom Jobim" com Eveline Hecker
6 de setembro – "Na linha de Dolores Duran" com Adriana Deffenti
4 de outubro – "Na linha de Noel Rosa" com Marcos Sacramento
1º de novembro – "Na linha de Vinícius de Moraes" com Mariana de Moraes
6 de dezembro – "Na linha de Barbosa Lessa" com Vitor Ramil

Unimúsiquinha "Arca de Canções"

Data e local: 31 de outubro, no Salão de Ato
Horário: duas apresentações, às 10h30min e às 15h30min
Espetáculo infantil com a Orquestra de Flautas da Escola Municipal Heitor Villa-Lobos e a participação dos músicos Pedrinho Figueiredo, Leandro Maia e Dudu Sperb.

Encontros com os artistas

Horário e local: 17h30min, no estúdio principal da Rádio da Universidade
Inscrições: Museu da UFRGS, das 9h às 18h
Vagas limitadas
Entrada franca

6 de junho – Arthur Nestrovski
4 de julho – Izabel Padovani, Ronaldo Saggiolato, Marcelo Onofri e Anderson Alves
1º de agosto – Eveline Hecker e Camilla Dias
5 de setembro – Adriana Deffenti, Ângelo Primon e Marcelo Corsetti
3 de outubro – Marcos Sacramento, Luis Flávio Albuquerque
31 de outubro – Mariana de Moraes e Gabriel Improta
5 de dezembro – Vitor Ramil

Seminário "A Canção Popular na Universidade"

Data e local: 30 e 31 de julho, na Sala II do Salão de Ato da UFRGS
Debatedores confirmados: Celso Loureiro Chaves, Luís Augusto Fischer e Luiz Tatit
Coordenação: Luciane Del Bem

Sarau Elétrico Especial

Data e local: 30 de outubro, no Salão de Ato
Horário: 19h
Entrada franca

Resenhas

Por Caroline da Silva

Ferramenta ou metodologia?

"Novas metodologias para a educação" foi o tema do prêmio Jovem Cientista do CNPq em 2000 e suscitou o que viria a ser uma primeira versão do livro aqui apresentado. Desde então, os dois autores têm desenvolvido projetos de pesquisa na área de Didática das Ciências e de formação de professores, inclusive elaborando materiais didáticos computacionais e impressos. O fundamento norteador das iniciativas vem de Paulo Freire: a visão de informática educativa proposta pelos professores Marcelo Leandro Eichler e José Cláudio Del Pino é baseada na sua

pedagogia da autonomia. Por mais que se publique no Brasil diversas pesquisas na área, sobre o papel do computador nos processos de aprendizagem, dificilmente se abre "a caixa-preta da produção de softwares educativos". O mérito da presente publicação reside na abordagem sistemática do processo de elaboração de tais tecnologias a serviço pedagógico, sem jamais deixar de inserir seu desenvolvimento num contexto maior. Num plano interdisciplinar, o emprego dos dispositivos para o debate da geração de energia elétrica e seus impactos, por exemplo, cria até mesmo um cenário fictício-realista, com confluência de conhecimentos.

Palavra dos autores: "com esse livro queremos informar o leitor sobre as ideias, os caminhos e os obstáculos para a proposição e a utilização de ambientes de ensino com o uso de computadores". No entanto, os pesquisadores deixam bem claro que, mesmo produzindo nesse campo, seus pontos de vista não são ingênuos e sua expressão não tem o intuito de ser sectária, por isso evocam a importância de Paulo Freire para a Educação.

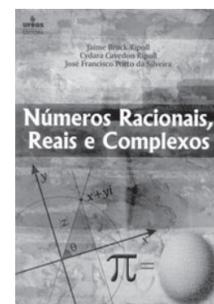


AMBIENTES VIRTUAIS DE APRENDIZAGEM: DESENVOLVIMENTO E AVALIAÇÃO DE UM PROJETO EM EDUCAÇÃO AMBIENTAL
Ed. UFRGS, 2006, 175 págs., R\$ 10*, de Marcelo Leandro Eichler e José Cláudio Del Pino

Campos numéricos

Para os autores, "por mais elementar e antigo que seja um conteúdo matemático, sempre é possível desenvolver novas ideias, novas abordagens e descobrir novos resultados". Direcionada para professores e estudantes de Licenciatura em Matemática, esta obra se traduz em uma rica e pontual fonte de buscas para os educadores dos três níveis de ensino da matéria. A publicação foi testada, e posteriormente aperfeiçoada como livro-texto, durante cinco semestres nas disciplinas de Matemática Elementar I e II do curso de graduação da UFRGS.

Além de conceitos fundadores, das definições e problematizações numéricas, são apontados exercícios e suas respectivas resoluções. A proposta de ensino defende a noção de campos numéricos e, segundo os professores/autores, o estudo dos números é refém da possibilidade de operar com os mesmos. Uma das motivações da elaboração deste material foi o anseio de elucidar alguns erros e equívocos de decorrência histórica nos livros didáticos de ensino fundamental e médio: "Os conceitos, as ideias e resultados associados aos campos nos números reais e complexos foram desenvolvidos ao longo de muitos séculos, durante os quais várias crises e controvérsias, conceituais e técnicas, precisaram ser enfrentadas pela comunidade matemática". A força dessas dificuldades históricas ainda garante sua ocorrência em alguns livros utilizados nas escolas. Por isso, a crença vital desses educadores na construção do "novo".



NÚMEROS RACIONAIS, REAIS E COMPLEXOS
Ed. UFRGS, 2006, 340 págs., R\$ 28*, de Jaime Bruck Ripoll, Cydara Cavedon Ripoll e José Francisco Porto da Silveira

*Preços nas Livrarias da UFRGS (www.livraria.ufrgs.br)



Brasil perde acervos de artistas nacionais

Artes visuais

Lógica do mercado influencia a venda de coleções para instituições estrangeiras

Nei Vargas*

No final de março, a imprensa noticiou a venda de muitas obras do artista Hélio Oiticica para a *Tate Modern*, em Londres. No mesmo mês, intelectuais e artistas do Rio de Janeiro e de São Paulo entraram em polvorosa com a venda da principal coleção brasileira de arte construtiva, de propriedade de Adolpho Leirner, ao *Museum of Fine Arts*, em Houston, nos Estados Unidos. Casualidade? Não, não há casualidade alguma no fato da *Tate Modern* e do *Museum of Fine Arts* adquirirem obras importantes da nossa produção artística. No entanto, a relevância desses acontecimentos ultrapassa o reconhecimento da arte brasileira no exterior, recaindo no destino que tem sido dado ao patrimônio cultural e intelectual do País. Se a consagração de Oiticica e a legitimação internacional da produção simbólica são motivos de orgulho para o povo brasileiro, a expatriação deles deveria ser encarada com mais contestação e debate sobre a condução das políticas públicas para a cultura, sobretudo, as particularidades que tomam de assalto as artes visuais.

Não seria imprudente apontar a entrada de grande quantidade de dinheiro de corporações e empresas privadas no mercado internacional de artes como um dos fatores determinantes para o impedimento da permanência dos acervos de Leirner e Oiticica em solo brasileiro. A tese de doutorado da taiwanesa Chin-tao Wu, intitulada *Privatização da Cultura, a intervenção corporativa nas artes desde os anos 80* (Sesc e Boitempo Editorial, 2006, 408 p.), que recebeu edição brasileira no ano passado, mostra de forma exemplar como o Estado assistencial perde terreno para a economia de livre mercado, usando as questões institucionais que permeiam a arte contemporânea como instrumento de análise. Ao descrever o processo de privatização da arte contemporânea, a pesquisadora



VICENTE DE MELLO / ARTE CONSTRUTIVA NO BRASIL - COLEÇÃO ADOLPHO LEIRNER

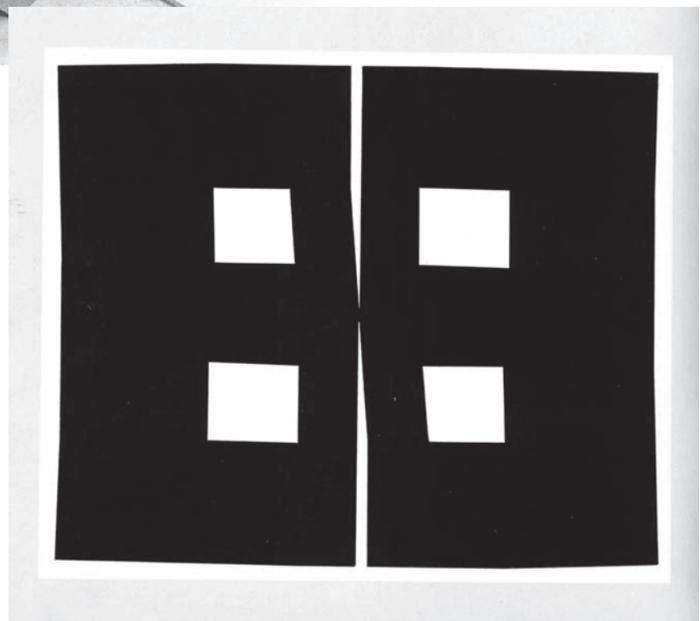
O colecionador Adolpho Leirner no hall de entrada de sua residência. Abaixo, a obra *Metaesquema* (1957), de Hélio Oiticica

observa que foi no conservadorismo dos governos da Inglaterra e Estados Unidos dos anos 80 que começou uma grande onda de retração do financiamento estatal às artes. No livro, fica evidenciada que “a determinação política de Reagan e Thatcher em substituir o governo pelo mercado como instituição econômica e social, e de propagar o *ethos* do mercado capitalista durante seus mandatos, correu paralela à ação política e ao engajamento social igualmente liberados das empresas nos dois países”, conforme Michael Useem, citado por Chin-tao (2006, p. 27). É do universo empresarial que surgem os novos administradores do capitalismo corporativo, que passam a compor o quadro dos conselhos consultivos dos museus britânicos e americanos, acabando por definir as políticas de instituições como a *Tate*

Gallery e o Museu de Houston. São os executivos e empresários que, em busca de distinção e *status*, aportam cifras significativas para a ampliação dos acervos dos museus, já que estes são beneficiados pelos incentivos fiscais, via alíquota máxima do imposto de renda sob grandes fortunas, prática implementada nos Estados Unidos e adotada na Inglaterra, ainda nos anos 80.

No Brasil, pode-se afirmar que o sistema das artes recebeu importante redimensionamento a partir do surgimento da Lei Federal de Incentivo à Cultura ou Lei Rouanet que, embora a contrariedade ideológica dos fatos, coroou os anos 90 com a retomada das atividades culturais. Não custa lembrar que é neste mesmo período que Adolpho Leirner inicia seu projeto de venda da mais importante coleção de arte concretista brasileira. Outra boa lembrança é que a segunda coleção mais significativa da produção artística pertence à Patrícia Cisneros, empresária venezuelana que mantém a Fundação Cisneros, maior colecionadora de arte brasileira no exterior. A Lei Rouanet, como estrutura burocrática oferecida pelo aparelho estatal, determinou a ativação do mercado de bens simbólicos, impulsionando de forma crescente a incipiente indústria criativa brasileira. Ocorre que a estratégia que fez dinamizar a cultura no Brasil produziu um sentido para o entendimento de cultura que, em parte, obedece à lógica da economia de mercado implantada pelos mesmos países que hoje celebram a produção de Oiticica e a arte concretista.

A dinâmica da nova lei articulou a passagem das obrigações do Estado à iniciativa privada na condução das políticas culturais, passando a definir a lógica de patrocínio do empresariado sob a ótica do marketing cultural, que acabou por nortear e sedimentar as políticas de investi-



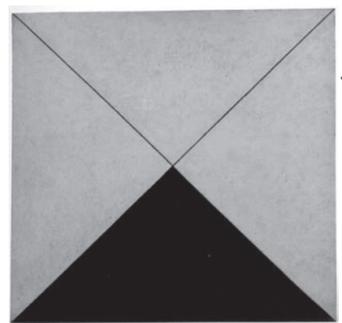
REPRODUÇÃO

mentos no segmento. Atualmente, um número expressivo de atividades que levam o selo da Lei faz da cultura mero entretenimento, atribuindo caráter efêmero ao que deveria contribuir para criação de raízes e conscientização da importância dos bens culturais como fonte de riqueza intelectual e financeira. No panorama cultural contemporâneo brasileiro, a falta de prioridade em projetos específicos de salvaguarda do patrimônio cultural ou que construam de forma duradora o conhecimento das artes e da história cultural, parece alavancar o entendimento equivocado sobre o que deve ou não ser visto como produto cultural. Na economia de mercado, só ganha patrocínio o projeto que ofereça a visibilidade exigida pelo financiador, mesmo que este seja em última instância, o próprio Governo Federal, que autoriza dedução integral no imposto de renda a quem patrocina arte no Brasil. É por isto que somos bombardeados com megaeventos, tais como shows musicais, grandes exposições internacionais (incluindo-se as Bienais de Arte), e até o *Cirque du Soleil* que, embora

incentivado pela renúncia fiscal, cobrou ingressos absurdos para a realidade brasileira.

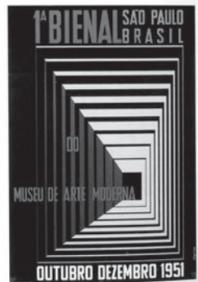
Infelizmente, a negociação dos acervos brasileiros ganha repercussão na mídia após sua venda, a exemplo do que ocorreu com o acervo de Leirner, que tomou páginas dos principais jornais do centro do País e expôs a indignação de intelectuais e artistas. A partir de agora, só será possível tomar contato e compreender melhor o concretismo e o neoconcretismo, movimento este que inscreveu o Brasil na História da Arte, quando a *Tate Gallery* ou o *Museum of Fine Arts* programarem exposições com acervos adquiridos aqui, mas para isto não esqueça que é preciso alguns milhares de dólares ou euros para custear sua viagem. Outra oportunidade, somente quando algum projeto expositivo com seguro estratosférico trouxer novamente as obras ao Brasil, certamente em um megaevento, que a Lei Rouanet tratará de subvencionar.

* *Mestrando em História, Teoria e Crítica do Programa de Pós-graduação em Artes Visuais da UFRGS*



REPRODUÇÕES

No sentido horário, algumas das obras do acervo de Adolpho Leirner: *Relevo 326* (1970) de Sérgio Camargo; *Sem título* (1962), de Mira Schendel; *Estudo para cartaz da 1ª. Bienal de São Paulo* (1951) e *Cartaz da 1ª. Bienal de São Paulo* (versão com fundo preto), de Antônio Maluf.





► CINEMA/DVD/VÍDEO

A História vai ao cinema com Aplicação

Novas exhibições de filmes do projeto do Colégio de Aplicação da UFRGS, com a apresentação de produções de diversos períodos históricos. A coordenação é do professor Nilo Piana de Castro. Mais informações pelos telefones 3308-3436 ou 3308-4022.



O VENTO E O LAÇO

(Drama, EUA, 1975, 119min.)
De John Milius.

O filme se passa no ano de 1904, no Marrocos, e conta a história de uma norte-americana que é seqüestrada juntamente com seu casal de filhos por um líder berbere para constrianger o sultão do país africano. Durante o convívio com o raptor, a relação entre seqüestrador e vítima muda, e a mulher passa a respeitá-lo e admirá-lo. Com Candice Bergen, Sean Connery, Marc Zuber e Brian Keith.
Data: 23 de maio, quarta-feira
Local e horário: Sala Redenção, às 19h
Ingresso: R\$ 2,50

SONHOS TROPICAIS

(Drama, Brasil, 2002, 120 min.)
De André Sturm.
Em 1889, chega ao Rio de Janeiro o sanitarista Oswaldo Cruz, que retorna ao país após anos de estudo na Europa. Na tentativa de extinguir a rubéola, ele propõe que todos os maiores de seis meses sejam obrigados a se vacinarem. A população reage contra a medida e, auxiliada pela formação de uma aliança entre os opositores ao governo, desencadeia a Revolta da Vacina. Com Carolina Kasting, Bruno Giordano, Flávio Galvão e Cecil Thiré.
Data: 30 de maio, quarta-feira
Local e horário: Sala Redenção, às 19h
Ingresso: R\$ 2,50

► TEATRO

RODRIGO MATHIAS



Dos por quês e do não-pode-ser

Atração deste mês do projeto Teatro, Pesquisa e Extensão, a peça é um monólogo concebido e interpretado por Renan de Oliveira Mattei, que apresenta um personagem em processo de auto-reflexão e em busca de iluminação. A orientação cênica é de Clóvis Dias Massa, professor do Departamento de Arte Dramática do Instituto de Artes. Temporada: 16 a 30 de maio, nas quartas-feiras
Local e horário: Sala Qorpo Santo, em sessões às 12h30min e às 19h30min
Entrada franca, com distribuição de senhas uma hora antes de cada apresentação.

O santo guerreiro

Espectáculo teatral que resulta de dois anos de pesquisa desenvolvida pelo professor Xico de Assis, no Departamento de Arte Dramática da UFRGS. A peça apresenta a vida de São Jorge, um dos santos mais populares e controversos da tradição católica. A narrativa dramática convida o espectador a construir sua própria leitura sobre a vida dessa figura mítica, fundamental para a religiosidade brasileira.
Data: 18 de maio, sexta-feira
Local e horário: Sala Alziro Azevedo, às 20h
Entrada franca com retirada de senhas uma hora antes de cada apresentação.

Vídeo ativismo no cinema: do capital globalizado aos movimentos antiglobalização

Mostra de filmes promovida pelo projeto de vídeo ativismo no cinema, criado por estudantes da UFRGS, com o apoio do Departamento de História, e composta de produções livremente disponibilizadas através da Internet. Os filmes escolhidos são marcos da utilização das novas tecnologias de comunicação, bem como das possibilidades da web na constituição de formas de ação política. As exhibições pretendem fomentar o debate sobre a mídia corporativa e sua função no atual contexto histórico. Mais informações através do site www.videoativismo.br21.com.

A CORPORAZÃO

(Documentário, EUA, 2003, 145min.)
De Jennifer Abbott e Mark Achbar.
Documentário norte-americano com dezenas de entrevistas, incluindo presidentes de diversas corporações, espões corporativos e críticos como Noam Chomsky, Michael Moore, Naomi Klein, Milton Friedman e Vandana Shiva, mostrando como as corporações se tornaram uma instituição mundialmente dominante e o que está sendo feito para reverter esta situação.
Data: 19 de maio, sábado
Local e horário: Sala Redenção, às 16h
Entrada franca

ATENCO - ROMPER O CERCO

(Documentário, México, 2006, 47min.)
Do Indymedia (CMI) de Chiapas.
Uma análise dos acontecimentos ocorridos em San Salvador Atenco, durante os primeiros dias de maio de 2006, denunciando as violações de direitos humanos da população civil por parte das forças policiais mexicanas. O documentário desnuda o modo de operar dos meios de comunicação de massa, responsáveis pela criação de um ambiente de medo e por construir um cerco informativo em torno dos acontecimentos de San Salvador Atenco, durante o processo de sucessão presidencial no México em 2006.
Data: 26 de maio, sábado
Local e horário: Sala Redenção, às 16h
Entrada franca

QUARTA GUERRA MUNDIAL

(Documentário, EUA, 2003, 66min.)
De Rick Rowley e Jacqueline Soohen.
As histórias de populações ao redor do mundo que resistem contra a aniquilação sistemática. Resultado do esforço conjunto de centenas de colaboradores em rede, o filme é produto de dois anos de filmagens junto aos novos movimentos em cinco continentes: do México à Coreia, do Iraque à África do Sul, passando pela "Guerra anglo-saxônica contra o Terror" e chegando às grandes manifestações em Seattle e Gênova.
Data: 02 de junho, sábado
Local e horário: Sala Redenção, às 16h
Entrada franca

GÊNOVA: A ZONA VERMELHA

(Documentário, Itália, 2001, 80min.)
Produzido a partir de 200 horas de captação, por vídeo ativistas do CMI UK, em 2001, na cidade de Gênova, durante as demonstrações contra a presença do Grupo dos 8 na Itália. Da manipulação informacional da mídia corporativa ao apoio e recepção da população genovesa aos manifestantes vindos dos mais diversos países, Zona Vermelha é mais um dos inúmeros documentários criados em rede e disponibilizados na Internet que dão conta das demonstrações em Gênova.
Data: 09 de junho, sábado
Local e horário: Sala Redenção, às 16h
Entrada franca

► ESPECIAL

Fronteiras do pensamento

Seminário internacional organizado pela Copesul em parceria com a UFRGS, UERGS, Unisinos e PUCRS. O evento, cujas inscrições já estão encerradas, ocorre no Salão de Atos da UFRGS, das 19h30min às 22h. Informações pelo telefone 3333-6476 ou através do site www.fronteirasdopensamento.com.br

HISTÓRIA: A LEITURA DO TEMPO
Conferências com Roger Chartier e Sandra Jatahy Pesavento. Chartier é professor visitante na Universidade

► Destaque

Do teatro para o cinema

Projeto do Instituto de Letras realizará ciclo de filmes na Sala Redenção

O setor de inglês do Instituto de Letras da UFRGS realiza, até 12 de julho, o ciclo de cinema "Teatro Anglo-americano", uma ação de extensão que exibirá nove filmes baseados em peças britânicas e norte-americanas. As sessões serão seguidas de debates coordenados por professores e pós-graduandos.

Segundo Cláudio Zanini, professor do Instituto de Letras e um dos organizadores da atividade, o objetivo é integrar cinema e literatura, oportunizando ao público um contato com as literaturas de língua inglesa e com o gênero dramático através do cinema. "Assim, aqueles que não estão familiarizados com a literatura, com o teatro e com a língua inglesa poderão aproveitar o ciclo, ter uma nova experiência, e talvez buscar obras para futuras leituras", observa Cláudio.

A seleção das produções foi feita com base na relevância literária do dramaturgo que escreveu as peças, bem como no impacto que os filmes vêm causando a cada geração. Para o professor Cláudio, essas obras são imortais, "pois suscitam questões individuais, sociais, psicológicas e literárias que merecem ser discutidas".

O ciclo será apresentado na Sala Redenção, todas as quintas-feiras, às 13h. As inscrições podem ser feitas no local ao custo de R\$ 6,00 para todo o ciclo. Informações pelos telefones 3308-6691 e 3308-7081 ou através do e-mail claudiozanini@terra.com.br.

Programação

17/05
ROSENCRANTZ & GULDENSTERN
ESTÃO MORTOS
(Comédia, Inglaterra, 1990, 117min.)
De Tom Stoppard.
Rosencrantz (Gary Oldman) e Guildenstern (Tim Roth) são personagens secundários na tragédia clássica de William Shakespeare, Hamlet. Nesta comédia, eles fazem as mais absurdas tentativas de fugir de seus destinos. Após a sessão, palestra com Larissa Rohde.



24/05
UMA RUA CHAMADA PECADO
(Drama, EUA, 1951, 122min.)
De Elia Kazan.

Filme baseado em peça de Tennessee Williams que retrata a visita de Blanche DuBois (Vivien Leigh), uma professora de alma delicada e decadente, à sua irmã Stella (Kim Hunter) e o cunhado, Stanley Kowalski (Marlon Brando) em New Orleans. O contraste entre as personalidades dos personagens torna o convívio insuportável.

31/05
O MARIDO IDEAL
(Comédia, EUA, 1999, 97min.)
De Oliver Parker.
Adaptação da peça homônima de Oscar Wilde. Sir Robert Chiltern (Jeremy Northam) é um político em ascensão na Inglaterra, que tem sua reputação ameaçada quando a Sra. Cheveley (Julianne Moore) o chantageia.

14/06
AS BRUXAS DE SALEM
(Drama, EUA, 1996, 124min.)
De Nicholas Hytner. Filme inspirado em peça de Arthur Miller, sobre um grupo de adolescentes flagrado em ritual demoníaco em 1692, na cidade de Salem, Massachusetts. Com Winona Ryder e Daniel Day-Lewis.

21/06
MY FAIR LADY
(Musical, EUA, 1964, 170min.)
De George Cukor. Baseado na peça Pigmeleão, de George Bernard Shaw, o filme conta a história de um professor de fonética (Rex Harrison), que garante transformar uma vendedora ambulante de flores (Audrey Hepburn) em uma grande dama.

28/06
INFÂMIA
(Drama, EUA, 1961, 107min.)
De William Wyler.
Releitura da peça da escritora norte-americana Lillian Hellman, que narra os efeitos devastadores dos rumores escandalosos sobre duas professoras (Audrey Hepburn e Shirley MacLaine) num colégio interno de garotas.

05/07
ESTRELA SOLITÁRIA
(Drama, EUA/Alemanha, 2005, 122min.)
De Wim Wenders. Howard Spence (Sam Shepard), um astro de faroestes, abandona o set de filme-gem em busca das mulheres de sua vida. O filme é fruto da parceria entre o dramaturgo Sam Shepard e o cineasta alemão.

12/07
QUEM TEM MEDO DE VIRGÍNIA WOOLF?
(Drama, EUA, 1966, 131min.)
De Mike Nichols. O jogo de amor e ódio entre dois casais de professores universitários. Com Richard Burton e Elizabeth Taylor. Filme baseado em peça teatral de Edward Albee.

► PLANETÁRIO

Programas para crianças e adultos

Em todos os domingos de maio, o Planetário exibe dois programas audiovisuais. O ingresso é 1Kg de alimento não perecível, que será doado a entidades filantrópicas. Estacionamento gratuito.

O PRÍNCIPE SEM NOME (Infantil, 38min.)
conta a história de um príncipe que vive solitário em seu planeta e que, com a chegada de uma nave vinda da Terra, passeia com os novos amigos pelo Sistema Solar.
Horário: 16h

A HARMONIA DO MUNDO (Adulto, 48min.), acompanha o desenvolver do pensamento científico e suas implicações filosóficas, mostrando como o homem chegou às bases do conhecimento de nossa época.
Horário: 18h



Projeto Selene

Programa de observação de planetas e astros notáveis no céu de Porto Alegre através de telescópio. A atividade inicia logo após o pôr-do-sol no pátio do Planetário e, em caso de mau tempo, será cancelada.
Datas: 19 e 20 de maio, sábado e domingo
Entrada franca

► CURSOS

Fórum Universidade e Espiritualidade 2007: olhares interdisciplinares

Evento promovido pelo Núcleo Interdisciplinar de Estudos Transdisciplinares sobre a Espiritualidade (Niete) da Pró-reitoria de Extensão da UFRGS, que tem por objetivo refletir sobre a produção do conhecimento na área da espiritualidade, analisando as implicações e impactos das concepções vigentes.
Data: 23 a 26 de maio
Local: Salão de Atos da UFRGS, Faculdade de Educação e demais espaços da Reitoria.
Horários e programação: através do site <http://www.psic.ufrgs.br/espiritualidade/>
Inscrições: até 22 de maio no site ou na abertura do evento, no Salão de Atos.
Inscrições: R\$ 60,00 (público em geral) e R\$ 20,00 (estudantes)
Informações: 3308-3098, das 13h às 18h.

► Onde?

- Salão de Atos
Av. Paulo Gama, 110
- Sala Redenção
Av. Paulo Gama, s/nº
- Sala Qorpo Santo
Av. Paulo Gama, s/nº
- Sala Alziro Azevedo
Av. Salgado Filho, 340
- Instituto do Artes da UFRGS
Rua Senhor dos Passos, 248
- Auditorium Tasso Corrêa
Rua Senhor dos Passos, 248
- Planetário
Av. Ipiranga, 2.000
- Faculdade de Educação
Av. Paulo Gama, s/nº

da Pensilvânia (EUA) e diretor da École des Hautes Études en Sciences Sociales, em Paris. Aborda a história da educação, a história do livro e da leitura. Recentemente, ele tem se voltado para a relação entre a cultura escrita e literatura (principalmente peças teatrais) para França, Inglaterra e Espanha. Seu livro mais recente é *Escrever e apagar*, lançado neste ano. Sandra Pesavento é historiadora e professora da UFRGS. É autora de *Visões do cárcere: Uma outra cidade: o mundo dos excluídos no final do século XIX e Imaginário da cidade: representações do urbano* (Paris, Rio de Janeiro e Porto Alegre), dentre outras publicações.

Data: 22 de maio, terça-feira

A SABEDORIA DO FUTURO: SEIS FACES DA MUDANÇA GLOBAL
Conferência com Patrick Dixon. Apontado como um dos vinte mais importantes pensadores vivos do mundo empresarial e econômico, Dixon é presidente da *Global Change* e autor de doze livros. É também fundador da agência internacional para AIDS, ACET, com programas em dezessete países. Foi palestrante no Fórum Econômico de Davos, em 1997, e comentarista em veículos de comunicação como o *Financial Times* e a revista *Time*.
Data: 05 de junho, terça-feira

Ricardo Schneiders

Difícil definir: jornalista, publicitário ou relações públicas? Ele prefere dizer que é um político. Na UFRGS, atualmente, pode ser encontrado na sala da vice-direção da Faculdade de Biblioteconomia e Comunicação (Fabico), da qual também foi aluno em 1970. Embora tenha passado no vestibular para o curso de jornalismo, quando este ainda era vinculado à Faculdade de Filosofia, acabou fazendo parte da primeira turma do curso de Comunicação, com habilitação em publicidade e propaganda e relações públicas, criado naquele ano.



Um porto-alegrense tranquilo

Jacira Cabral da Silveira

Mas Ricardo Schneiders da Silva também pode ser apresentado como um tranqüilo pisciano de 57 anos, que gosta de cozinhar, cultivar os próprios temperos em seu apartamento térreo no bairro Bom Fim e conversar com os amigos. Há dois anos, renunciou ao volante de seu antigo fusca amarelo, mas garante que, quando se aposentar “no dia 1º de março de 2009”, comprará outro fusquinha para enfrentar as estradas de chão batido que levam à praia da Gamboa, no município de Garopaba, em Santa Catarina. É lá que pretende morar e curtir sua futura casa na encosta do morro com vista para o mar.

Escoteiro – Pois é, este cara de cabelo liso, amarrado na nuca, metido em tudo que acontece na Fabico e articulador de vários projetos de extensão engajados com questões sociais, já vestiu cáqui e teve condecorações na lapela do uniforme de escoteiro. Muito ativo, foi um dos mais novos chefes de escoteiros do estado e também atuou como líder de grupos

“Acordo às seis horas da manhã. Banho. Café. Leitura do jornal e rádio ligado para saber as notícias. Durante o dia todo, muito café, litros de café.”

de jovens com e sem envolvimento político.

Ricardo sempre viveu em Porto Alegre, cidade que não trocaria por nenhuma outra para morar e trabalhar. Nasceu no dia primeiro de março de 1950 e cresceu no bairro Moínhos de Vento. Da casa de esquina, na Coronel Bordini com a Anita Garibaldi, a família Silva mudou-se para outra residência na Quintino Bocaiúva, próximo ao clube Grêmio Náutico União, onde Ricardo e os irmãos gostavam de nadar. Por recomendação médica, há um mês ele voltou a “entrar n’água”, está fazendo hidroginástica duas vezes na semana devido a problemas de coluna: “Mas pretendo mesmo é voltar a nadar como fazia na juventude.”

O convívio familiar foi muito intenso, marcado pelo companheirismo e pelas características de uma educação germânica. “Tínhamos total liberdade para fazermos o que quiséssemos, inventarmos o que fosse, desde que assumíssemos a responsabilidade de nossos atos”. Essa é uma das heranças mais fortes impressa no caráter dos filhos de Helga Schneiders da Silva e João Barbosa da Silva.

O pai foi funcionário público e como a renda não era suficiente para sustentar seis pessoas, ele, a esposa e os quatro filhos: Marco Aurélio, Alexandre, Ricardo e Heloísa, os tios das crianças ajudaram a custear os estudos dos sobrinhos em colégios como Farroupilha e Rosário. Ricardo fazia sua parte, confeccionando artesanato e vendendo para amigos e colegas. Como estudante, sofreu alguns percal-

ços. Foi reprovado na terceira série do antigo ginásio. Motivo da reprovação? “Atritos de personalidade” com os professores de inglês e latim.

Leituras – Tão grande quanto o amor que nutre por Porto Alegre é a admiração que Ricardo tem pela história do estado. Apreço despertado na adolescência, com a leitura de *o Tempo e o Vento*, de Erico Veríssimo. Mas o interesse literário do professor de jornalismo é eclético. Mais recentemente, o livro *O ponto de mutação*, de Fritjof Capra, inspirou Ricardo a organizar um seminário de Filosofia e Comunicação, discutindo o novo paradigma científico da visão holística de natureza.

Além da Filosofia, ele coleciona poetas como Walt Whitman e Fernando Pessoa, embora seja Mário Quintana que logo lhe venha à mente: “A vez primeira que me mataram perdi um jeito de sorrir que eu tinha, depois de cada vez que me mataram, fui perdendo qualquer coisa minha...” Mas nada se compara ao seu fascínio pela literatura policial de Agatha Christie e Georges Simenon, dos quais possui a obra completa.

A lembrança do texto de Quintana remete Ricardo ao tempo em que fez teatro de arena e estudou no Instituto de Artes da UFRGS. Assim que terminou o curso de Comunicação pediu reingresso para fazer Direção de Teatro, tendo como colegas Dilmir Messias, Lurdes Elói e Celso Loureiro Chaves. Chegou a trabalhar profissionalmente no grupo de teatro Girassol, que existe até hoje sob a direção de Dilmir Messias. Também fez produção e atuou em algumas peças, só abandonando o teatro quando começou a dar aula na universidade.

Música, teatro, dar aula, paixões vividas sempre na mesma cidade, uma história pessoal com endereços precisos: lar, trabalho e amigos. Já foi mais de sair à noite, freqüentar bares, sair com a turma. Hoje, gosta mesmo é de ficar em casa onde diz ler e ver de tudo: “Até mesmo para criticar”. Aos sábados e domingos, tira um tempo para responder às mensagens que se acumulam durante a semana. Além do hobby da fotografia, Ricardo se diz bom assador e pretende desenvolver sua habilidade culinária, quando se aposentar. “Uma das coisas que me ajuda a relaxar é ir para a cozinha.”

Fisgado pela comunicação

No final da década de 60, Ricardo foi morar com um grupo de jovens em Petrópolis, no estado do Rio de Janeiro, onde concluiu o clássico. Era o grupo Viva Gente, inspirado no movimento europeu Rearmamento Moral, que surgiu na época do pós-guerra e tinha como propósito despertar nos jovens uma mentalidade solidária.

A experiência de morar em um sítio e promover uma filosofia de vida através da música, de shows e viagens pelo Brasil deixou marcas importantes em Ricardo. Além de fazer o planejamento e elaborar os roteiros das viagens do grupo, cabia a ele produzir os shows locais, o que implicava em propaganda, contatos com tevês, rádios e jornais. “Ali começou meu interesse pela área de Comunicação.”

Terminada esta etapa de sua vida, com passagem comprada de regresso a Porto Alegre, a morte do presidente Costa e Silva o impediria de retornar ao Rio Grande do Sul para se inscrever no vestibular da UFRGS. Inconformado, já na capital gaúcha, ele vai à Faculdade de Filosofia e pede audiência com o diretor Romeu Mucilo. Diante dos fatos, o diretor aceitou sua inscrição, mas havia um impedimento, pois faltava o exame médico. Tirando o receituário da pasta, o também médico Mucilo preencheu o documento e comentou com o rapaz: “Agora espero que passes no vestibular e não me faça passar vergonha”. E não fez.

No segundo semestre do curso, Ricardo começou a trabalhar como bolsista na Rádio da Universidade, no setor de radiojornalismo. Fazia entrevistas e redigia, sob a coordenação da professora Iara Bendati. Prestes a concluir o curso, conseguiu uma bolsa-estágio na Assessoria de Imprensa da Universidade. A experiência deu tão certo que, ao se formar em 1973, foi contratado em maio do ano seguinte como técnico em comunicação social. Dois anos depois, em 1976, foi contratado como professor horista na Fabico, responsável pelas disciplinas de Teoria da Comunicação e de Semiótica.

Ricardo manteve os dois contratos até 1983, quando pediu exoneração como técnico e a alteração do contrato de horista para professor

com dedicação exclusiva. Hoje, ele comenta que nunca havia passado pela sua cabeça fazer carreira no magistério: “Quando surgiu o convite, foi uma surpresa. Aceitei como um desafio e comecei a gostar muito”. Eram tempos de ditadura, mas Ricardo garante que sempre foi transparente ao expressar suas opiniões críticas quanto ao governo e aos meios de comunicação.

Em 1979, foi aprovado na seleção para o mestrado em Sociologia e Ciências Políticas da UFRGS. No segundo semestre do curso, passou na seleção para o programa de bolsas da Fulbright. Assim, Ricardo embarcou para a Filadélfia, na Pensilvânia, onde encontraria um período de transição governamental com a eleição de Ronald Reagan. “Foi uma guinada para a direita que provocou interferência direta, nos programas voltados para a comunicação internacional no Estados Unidos.”

Como a pesquisa de Ricardo era uma análise crítica, comparando a cobertura jornalística norte-americana e brasileira a respeito das notícias internacionais, ele foi convidado a mudar de foco ou transferir-se de universidade. Ele preferiu retornar ao Brasil e se engajar nas discussões sobre mudança curricular que iniciavam em todo o país. “Voltei em 81 e, no ano seguinte, pedi minha exoneração do cargo de técnico para me dedicar à docência e me envolver totalmente com a elaboração da proposta do novo currículo, aprovado em 84 e implantado em 85.”

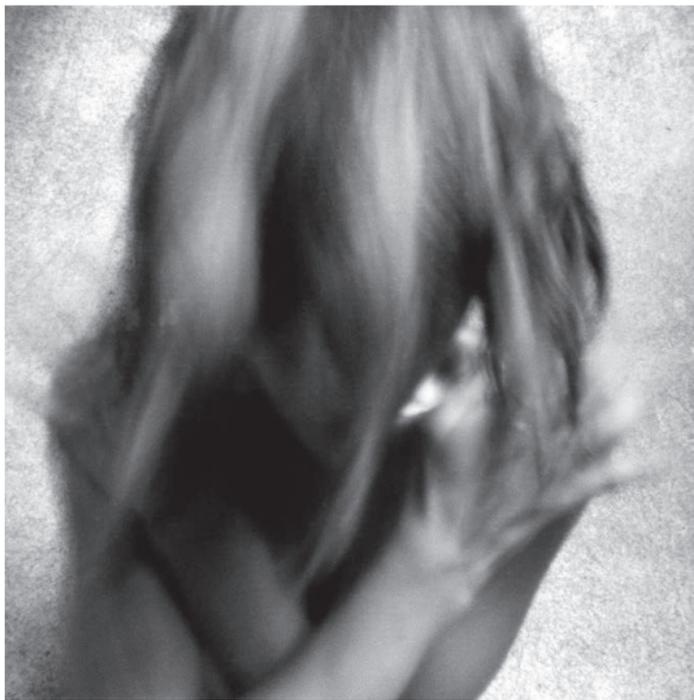
Mesmo não tendo concluído o mestrado, Ricardo não lamenta o tempo em que viveu no exterior. “A Filadélfia é um importante centro cultural, com uma grande orquestra sinfônica, inúmeras galerias de arte e museus.”

Por volta dos anos 90, o envolvimento com o lado administrativo da docência, terminou afastando-o da área teórica, pois já não havia tempo para atualizar seus estudos. “Na administração, tem-se cada vez menos tempo para estudar. É um setor que exige muito tempo e energia.” Só na direção da Fabico, Ricardo atuou por dez anos. Em 1996, assumiu a direção pela primeira vez e, é vice-diretor há duas gestões.

ARQUIVO PESSOAL



1973: Ricardo (à esq.) numa encenação de *Vestido de Noiva*



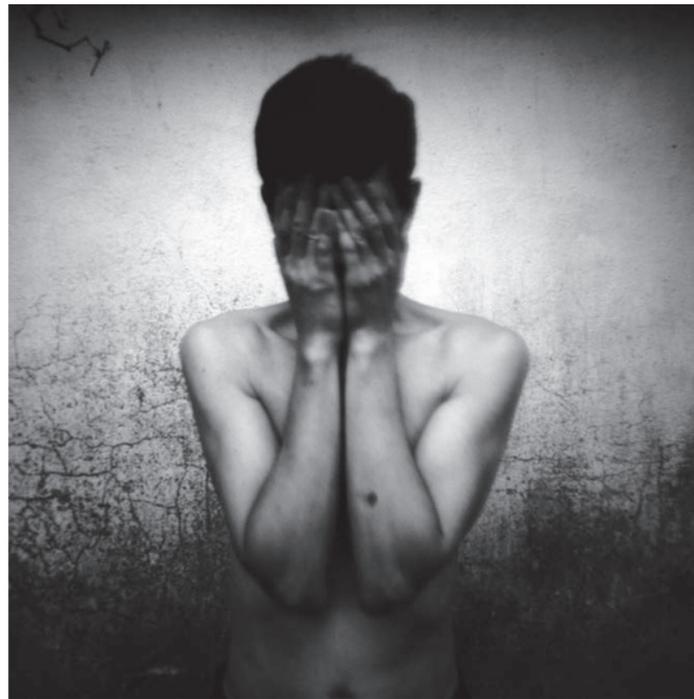
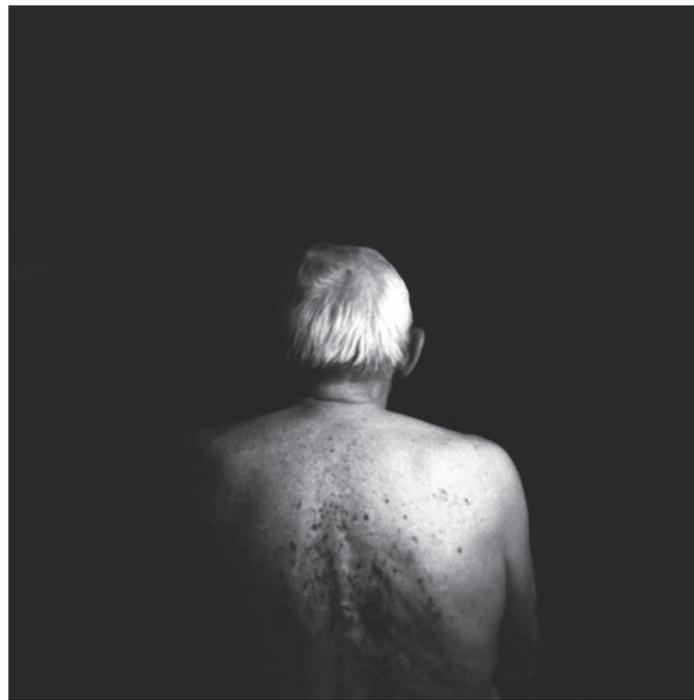
Flávio Dutra

As imagens deste ensaio, feitas pela dupla Denise Helfenstein e Gustavo Diehl, foram obtidas num processo artesanal conhecido como *pinhole* (que utiliza apenas uma câmara obscura que pode ser uma simples lata vedada, com um furo do diâmetro de uma agulha e material fotossensível). Os fotogramas são colocados no interior do aparelho, expostos pelo buraco que é aberto durante alguns momentos, e então revelados em laboratório, um por vez, tal como se fazia com as chapas de vidro nos primórdios da arte fotográfica.

A câmara, portanto, não possui objetiva, nem visor, nem botão disparador. Diferente das máquinas fotográficas usuais, a *pinhole* não atua como um apêndice do olho. Ela não é levada ao rosto para que seja escolhido o enquadramento. Recorta-se espaço e tempo de uma maneira diferente, sem a "mira" e sem o "gatilho". O dispositivo parece não "buscar" a imagem, mas apenas recebê-la, aberto ao imprevisível e ao surpreendente.

A luz é sugada através do pequeno orifício para o interior da câmara, sensibilizando o filme de modo lento, gradual. Num mesmo negativo cabe toda uma respiração, um riso, um gesto, um movimento, impresso nos sais de prata, sem o intermédio das lentes. Da pele direto ao grão.

A mostra desta página é composta por algumas das fotografias do ensaio que recebeu o III Prêmio Casa de Cultura Mário Quintana (antigo Prêmio Gaúcho de Fotografia). O ensaio, originalmente composto por 37 imagens em preto-e-branco de dimensões variadas, foi apresentado em setembro de 2006 na Galeria Augusto Meyer da Casa de Cultura Mário Quintana.



Frag tos men Frag
Fragmentos
 tos tos men Frag men

**FOTOS DE DENISE HELFENSTEIN
 E GUSTAVO DIEHL**

a fotografia sem objetiva

